

SEM PÉ
NEM CABEÇA:
*esparcos escritos
sobre coisas algumas*

André Henrique M. V. de Oliveira

SEM PÉ
NEM CABEÇA:
esparços escritos
sobre coisas algumas



Copyright © 2015 by André Henrique Mendes Viana de Oliveira

Todos os direitos desta edição reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida por qualquer processo eletrônico ou mecânico, fotocopiada ou gravada sem autorização expressa do autor.

ISBN: 978-85-8255-xx-xx

Projeto gráfico: Aped - Apoio e Produção Editora Ltda.

Editoração eletrônica: Thiago Ribeiro

Revisão: Aped - Apoio e Produção Editora Ltda.

Capa: Thiago Ribeiro

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros – RJ

Uma definição apenas define os definidores

Mário Quintana

Aped - Apoio & Produção Editora Ltda.

Rua Sylvio da Rocha Pollis, 201 – bl. 04 – 1106

Barra da Tijuca - Rio de Janeiro – RJ – 22793-395

Tel.: (21) 3183-0849/ 99996-9067

www.apededitora.com.br

aped@wnetrj.com.br

PREFÁCIO

“Só sirvo para o que é inútil, só posso recomendar o que faz mal”. Pensei em incluir esta máxima como um poema sob o título de “Vocação”, mas mudei de ideia ao pensar que seria um grave erro provocar a possibilidade de ser interpretado como um anti-médico ou um tipo de figura antissocial, e principalmente por correr o risco de cair sob o signo da falta de sentido na cabeça de alguns. No entanto, aquela sentença deveria aparecer de alguma forma, por alguma brecha, nem que para isso tivesse eu de recorrer à autorreferência. O que faço neste momento. Aliás, o que faço amiúde ao longo deste escrito.

A necessidade de expressar tal proposição surgiu em virtude do núcleo semântico presente no “inútil” e no “mal”, o que faz da “vocação” uma verdadeira bomba semântica que, embora possa não explodir na cabeça de muitas pessoas, incomodaria quem se questionasse sobre o significado de “inútil”, bem como sobre o de “mal”, e até sobre o de “vocação”.

Considerando o fato de que não sou escritor, já que me considero apenas como alguém que escreve, o presente livro, possuindo vocação tão estranha, parecerá provavelmente estranho.

Há pessoas que engraxam sapatos, que desenvolvem *softwares*, que vendem carros, que lavam carros, que ministram au-

las, que constroem casas, que ganham dinheiro trabalhando ou não, e há também pessoas que escrevem. É uma atividade como qualquer outra, e como qualquer outra possui suas peculiaridades, seu apanágio. Por algum motivo, que prefiro afirmar não saber, para não me prender à superficialidade da resposta, resolvi publicar coisas que me tem vindo à mente, esporadicamente, ao longo de pouco mais de duas décadas e meia (pelo menos é o que está registrado no cartório, já que não consigo lembrar a primeira vez em que notei que estava aqui) de experiência neste planeta.

Entre outras tantas atividades que o homem decidiu fazer, decidiu ele também classificar as coisas, e entre as classes de classificações ele inventou a classe das coisas “úteis”, e, de forma muito perspicaz, a ela opôs a classe das coisas “inúteis”. Graças à evolução de seu “tele-encéfalo” altamente desenvolvido, desenvolveu a ontologia do “útil” e do “inútil”: o “útil” é o que serve-para-alguma-coisa; e o “inútil” é o que não serve-para, ou o que simplesmente não serve. A classe das coisas úteis, até por uma questão de praticidade, se apresenta de modo imediato. Relógios são úteis, programas de pós-graduação são úteis, armas são úteis. Do mesmo modo poços, remédios, telefones celulares, cervejas, preservativos, ventiladores, e a expressão “etc.” também.

Já a árvore das coisas inúteis, demonstrando enraizada inutilidade, obstrui a passagem para quem quer arrancar-lhe rapidamente seus frutos. “Mas, que frutos?”, poderá alguém perguntar. Haverá algum produto decorrente do inútil? Terão os macacos a necessidade de computadores? Certamente não. Mas isso não significa que não sejam úteis para eles, pois talvez os pesquisadores que façam levantamentos sobre a população de macacos e seu impacto no meio ambiente terminem usando as máquinas para o bem dos próprios macacos, e estes, ingratos, não agradecem àqueles. O fato de não termos necessidade imediata de algo não implica na absoluta inutilidade do mesmo. A ninguém cabe a certeza de que o que é “inútil” agora será “inútil” amanhã. Talvez até o fato de sondarmos o espaço sideral seja decorrência de algum pensamento dito anteriormente “inútil”...

Confundimos, muitas vezes, a utilidade de uma coisa com o sentir, ou não sentir uma necessidade imediata desta coisa.

Mas isto é um engano, pois podemos sentir necessidade de algo que não vai servir-para, o que justamente caracteriza o supérfluo (a falsa necessidade que sustenta o mercado). Bem como pode acontecer de algo ser útil e dele não sentirmos necessidade, ao menos de modo consciente. Demoramos, às vezes, a nos darmos conta de que necessitamos de determinadas coisas, muitas vezes já visíveis aos olhos dos outros. A real utilidade, o verdadeiro “servir-para” não está por completo ao alcance de nossa miopia. Tudo o que fazemos, cada uma de nossas ações e obras é atirada ao longe, e termina por ultrapassar o raio da circunferência que é nossa breve vida.

Se for verdade que, na natureza “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, o que produzimos não é por completo criado por nós, não se perde em absoluto, e, principalmente, se transforma. Se o princípio enunciado por Lavoisier fosse estendido ao universo da arte, poderia muito bem apresentar-se nos seguintes termos: o que é bom não se cria, não se perde, e a outros transforma. Tudo o que há na natureza, e com esta palavra reflito-me também ao que muitos preferem chamar de “cultura”, produz efeitos, e o alcance de tais efeitos depende do grau de força despendido no momento de surgimento daquilo. Este grau é o que define o quão bom é aquele dado da natureza. Deste modo é que o “servir para o que é inútil” torna-se muito mais uma vocação do que uma função exercível num cargo público.

De um modo análogo, a intensidade do mal a que alguém pode ser submetido é proporcional àquela mesma força criadora que faz com que percamos o fio que delimita a barreira entre o útil e o inútil. O que consideramos como “mal” é sempre um efeito que altera nosso estado, de modo a dificultar ou nos impedir por completo de seguirmos o rumo que havíamos decidido, e como temos a tendência a nos agarrarmos ao que parece mais seguro, desgostamos daquilo que nos força a mudar e abandonar o curso normal das coisas. Mas recomendar o que faz mal, pode significar simplesmente: mude, sofra um pouco para sofrer menos, *take a walk on the wild side*. Estando o corpo são e a mente sã, o mal pode ser uma oportunidade. “Há males que vem para

o bem”. Se esta sentença encerra alguma verdade é novamente porque não possuímos uma medida absoluta para as coisas. A régua de nossos valores e critérios é constantemente submetida a provações e, não raras vezes, surpreendida por giros de graus inesperados, que nos faz agradecermos a Deus por determinadas privações e infortúnios, e mandarmos para o inferno aquilo que tanto amamos. São momentos em que um mal doloroso pode abrir as portas para um bem inesperado, que por ser inesperado é melhor ainda.

Na busca de me completar enquanto homem, publico meu primeiro filho (só me faltando agora plantar um livro e ter uma árvore). Talvez seja esta a minha maneira de tentar capturar o vento, consciente, assim como Salomão, de que realizo uma tarefa vã, muito embora a persiga mal rompa a manhã. Contento-me ao menos em saber que, se não o capturo, viajo com ele, seguindo sua rota. Assim como o vento, seguirei um destino que não conheço, e que, no entanto, já está traçado, pois ao fim somos todos personagens de uma história escrita pelo tempo, e o menor instante da maior vaidade, que é o olhar para as coisas e pensar, nos mostra como tudo é como este livro: sem pé nem cabeça.

EU?

Eu começa com uma frase: “Eu começo com uma frase”. Não sabe Eu que todo pensamento que formula surge espontaneamente a partir de uma identidade recôndita; uma espécie de buraco negro que tudo absorve, exceto a si mesmo. E assim descuidado, sem se aperceber do absurdamente óbvio, Eu continua: “eu continuo”. As frases vão misteriosamente escorrendo pela ponta da caneta e invadindo o espaço branco e impuro do papel, rumo a um longínquo ponto final que nunca se alcança no horizonte literário, mas que permanece sendo buscado, num trabalho quase sisífico.

Nos intervalos entre uma oração e outra, Eu reflete e continua a escrever: “Eu reflito e continuo a escrever”. Resistindo e existindo sob alguma forma, se enternece com a solidão povoada de fantasmas que sua última aventura pelos livros o legou, mas Eu admite que não tem como nem porque se contrariar com a falta de sentido e de lógica que se ergue imponente diante dos fatos do mundo e das flutuações do espírito: “eu admito que não tenho como nem porque me contrariar com a falta de sentido e de lógica que se ergue imponente diante dos fatos do mundo e das flutuações do espírito”. Afinal, tudo é criação sua. E mesmo que Eu, em si, não o fosse, restaria ainda algo com o que se admi-

rar: o milagre da substantivação: “Afinal, tudo é criação minha. E mesmo que eu, em si, não o fosse, restaria ainda algo com o que me admirar: o milagre da substantivação”.

No entanto, um estranho espanto, em forma de pergunta, assalta aquela alma potencialmente aflita: que é isto que Eu cria? “Que é isto que eu crio?”. Como garantir que aquilo que surge é realmente criação sua e não o contrário? Eu começa a perder o solo em que pisa, ou pensava pisar, a partir do momento em que a pergunta se apresenta no vácuo, sem dono, sem submeter-se a uma autoridade, sem pessoa à qual se atribuir uma voz ativa. A quem pertence a voz que, supostamente, confere realidade às coisas?

Como não levar em consideração que Eu não se conhece? A pergunta é como o voo de um bumerangue refletido no espelho, e necessariamente atravessa a própria alma que a concebeu: “Como não levar em consideração que eu não me conheça?” Urge conhecer-se, pois quem é, afinal, Eu? Quem escreve ou quem é escrito? Quem pensa ou quem é pensado? Quem sente ou quem é sentido? Eu não sabe: “eu não sei”. É o que confirma a mesma voz que interrogou.

Agora, porém, Eu não tem como fugir: “Eu não tenho como fugir”. O veneno da pergunta se espalhou pelos vasos sanguíneos, atingiu o coração e penetrou até o último suspiro de vida de que se compõe o universo, e o único verso que se debate como um morcego perdido em sua mente é: “Conhece-te a ti mesmo”. Eu já ouviu isso em algum lugar, porém não se recorda se o impacto que aquele adágio antes provocara o havia tocado de modo tão profundo. “Eu já ouvi isso em algum lugar, porém não me recordo se o impacto que esse adágio antes provocara me havia tocado de modo tão profundo”.

Talvez somente agora, diante de tamanho estranhamento, Eu perceba a seriedade da questão e admita o quanto, durante muito tempo, permaneceu “na ignorância, na sombra, à mercê dos dias, do tempo”. “Só agora eu percebo a seriedade da questão e admito o quanto, durante muito tempo, permaneci na ignorância, na sombra, à mercê dos dias, do tempo”.

De fato, só agora Eu reconhece que não se trata da propalada “crise existencial” que a alguns tipos assola, tampouco cabe chamá-la “crise de identidade”. Consiste, isto sim, numa crise de realidade. Pois, afinal, o que é isto que deve ser conhecido e se autodenomina “ti mesmo”? Isto existe? Tem causa? Como pode o “se” falar de si como “ti”? Trata-se apenas de um pronome? Um advérbio? Substantivo? Substância? Eu não sabe, ou não se sabe: “eu não sei, ou não me sei”. E parece que quanto mais Eu pensa, mais fica distante d’isto.

De antemão, Eu considera inócuo o recurso à gramática e à análise linguística. Descarta o estruturalismo e outras teorias que não abarcam este buraco negro que agora devora a si mesmo sem dar o mínimo sinal de esgotamento. Parece ser a dúvida o veículo e o combustível desta estranha caravana que não passa do eco de um único ponto sonoro: “eu”. Tal como se observa nos círculos infinitos que se criam na água quando algo sólido penetra sua superfície (a rigidez monossilábica do “eu” é inversamente proporcional à complexidade e magnitude de suas dimensões. Isto se considerado do ponto de vista “científico”, pois em termos valorativos consiste mesmo numa injustiça.). Eu, cansado, chega a pensar em desistir. Sente-se como que girando em círculos, e, às vezes, quando mais confortável, sente-se como o próprio círculo.

Acaso será Eu um círculo? A pergunta parece uma confirmação: “Acaso serei eu um círculo?” Quem pergunta se reconhece, ao mesmo tempo, como inquiridor e inquirido. É um círculo perfeito, fechado, que quanto mais gira mais permanece em si: algo inaceitável para Eu. Eu não aceita não poder sair de si. Quer construir no papel um outro, um não Ele; alguém a quem possa compreender e manipular a seu bel-prazer. Deseja experimentar a onisciência e a onipotência de um Deus sobre alguma criatura. Mas, sendo um círculo, Eu não conseguirá criar nada que já não esteja nos limites da circunferência que é: “Mas, sendo um círculo, eu não conseguirei criar nada que já não esteja nos limites da circunferência que sou”. De Eu nada sairá senão aquilo que ele já é, e como Eu não se conhecesse, o que dele surgir permanecerá para ele sempre uma incógnita. Suas criaturas são todas mistérios.

Mas, se Eu é um círculo, “que significa este eco em meu interior, em minha consciência?” A pergunta abre mais uma vasta gama de possibilidades. “Existirá outro Eu em mim?” Eu, a esta altura, já não sabe se as perguntas apontam para uma solução ou simplesmente agravam o problema. Parecem enredá-lo em um labirinto no qual a mera tentativa de sair faz surgir um outro labirinto, a cada passo.

Eu decide não mais caminhar, e treme diante da possibilidade de nele existirem outros eu's. Será isto uma estranha condenação: o ser habitado por outros? Eu já é quase todo desespero. “Quantos eus cabem em mim?”. Sim, quantos eus cabem em Eu?

De acordo com certo postulado da geometria, em um círculo cabem infinitos círculos, bem como infinitas retas (talvez, por isso, em certo Pessoa, sem que o fosse em pessoa, mas por meio de Campos, apareceu um tal “poema em linha reta”). Pela força da analogia, em Eu existem vários, e Eu até começa a (se) (?) aceitar: “duas letras, uma palavra, milhões de pessoas: eu na verdade sou uma multidão”. Sim. Eu são muitos, e muitos nem se conheceram ainda.

Eu começa agora a escutar, sem interferências, a voz da multidão que o habita. Não há palavras que descrevam, não há lógica nem dialética que explique essa sensação sem par. É mais que resignação, é uma entrega total ao vasto campo de seus corações. Eu não se pertence: “eu não me pertença”. É como se Eu fosse um salão onde acontecesse um baile de máscaras, em que cada “persona” se apresentasse como personagem de si mesma, sendo o próprio salão uma outra “persona” dentro de uma grande ficção chamada mundo, cujos limites, por sua vez, fossem estabelecidos por uma outra ficção chamada “linguagem”, que sempre dá margem à alguma coisa...¹

Eu não precisa mais conhecer a si; precisa agora de algo talvez mais difícil: ser a si. Quantos eus imersos em Eu não recla-

¹ A língua(gem) é o mar que dá margem a todas as interpretações/ Na areia do sentido a espuma vira um livro salpicado de opiniões/ Quantos barcos, quantos homens navegaram pelo ares... Caravelas, caminhões/ Na trincheira desses mares o teu céu tem mais amores, só lhe faltam soluções.

marão ao mesmo tempo esta necessidade. Um só corpo é muito pouco para tantas almas. Mas, graças ao papel e à caneta, e ao mar que dá margem aos navegantes da alma, Eu dará vida a todos quanto puder, e quem sabe cada uma dessas vidas dê vida a outras. Crescerão e multiplicar-se-ão.

Escritor? Personagem? Quem poderá garantir quem é Eu e o que ocorre em seu interior? Alguém acaso esperará que Eu se defina? Desta pequena profunda história nada se pode concluir senão que algumas linhas foram traçadas por uma mão, e que esta mão respondia a impulsos, somente.

O mar da linguagem, neste aspecto, parece estar a favor de nós, navegantes portugueses, já que “ser” é ser outros e “estar” é sempre mais adequado. Eu termino com uma frase: “eu termina com uma frase”.

SONETO AO LUAR

O que pretendes tu com essa indiferença?
Onde queres chegar, se conheces teu fim?
Teu viciante ciclo é sempre o mesmo, fonte secundária:
Crepusculares luzes que refletirão em mim.

Nada resta a ti senão permanecer
Parada, pálida, triste a me olhar,
Num lençol de vapores, na tua alegria de morrer,
Pr'outro dia cumprir tua maldição: ressuscitar.

O que nos separa, embora seja eterno
É como tudo que é eterno: passageiro
Forma eternamente passageira de se separar.

Estás presa a mim, entanto, como um feto morto,
Dentro do ventre lindo de um anjo torto
Que não dará a luz p'ra escuridão chorar.

PROJETO DE UM LAR

Em todo canto há um rosto.
No teto há luzes que não brilham,
Risos que choram, mãos que tremem,
Olhos que molham o chão que se espreme.

Em todo corpo há uma casa,
Muito engraçada que, por sinal,
Não tinha jarros, não tinha flores,
Talvez amores, mas tudo em vão.

Me parece loucura
Ou sou eu que estou louco?

Meu corpo é tão pouco
Minha casa é tão rara.

Meu corpo procura
Uma casa e um rosto,
Que um tenha flores e outros sorrisos.
Para eu rabiscar o teu rosto com giz
E o chão, cicatriz, não cortar meu pulmão.
O teto me olha com olhos de medo.

Não sei o segredo, não gosto daqui.
Queria era um corpo
E uma casa sem teto
Que desse direto p'ra arte em fração.

Mas,
Queria, primeiro, uma despedida:
Um enterro, uma vida, enterrada no vão.
A morte, tranquila sentada ao meu lado
Chorando na minha casa sem chão.

CARTA

Meu amor,
O que tu queres que eu te escreva?
Cartas de suicídio?
Musique as palavras de Ovídio?
Não é loucura a qual me atreva!
O que irá alcançar tua beleza?
Resposta soprada ao vento?
Poemas em movimento?
Haicai?
Poesia chinesa?
Lamento.

Lamento lhe informar;
Tal carta não vai chegar.
Não vai chegar pra você.

Esqueça.

Esqueça a escala de A.
Não vou a voz disfarçar;
Dedico minha dor ao teu ser.

ESBOÇO PARA UMA IDENTIDADE

Eu sou uma transição.
Eu sou uma transação.
Só transo o que em transe traço,
Tragando versos que serão canção.

A VERDADEIRA MORTE: HISTÓRIA DE UM ASSASSINATO E DOIS SUICÍDIOS.

*Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: “Quem foi?...”*

*Morrer mais completamente ainda,
- Sem deixar sequer esse nome.*

Manuel Bandeira

Desta vez iria se matar.
Já havia muito tempo que ele vinha experimentando aquela sensação mórbida, e repetidas vezes aquele mesmo nó cortante na garganta; um amargo ódio de si e da vida, a repulsa por toda e qualquer felicidade que naquele momento pudesse estar sendo vivenciada. No entanto, em todas essas ocasiões anteriores, o medo da dor havia lhe impedido de consumir o fato. E o que mais pesava contra aquele instinto era a consciência de que causaria um mal terrível para muitas pessoas. Para ele, tudo poderia acabar ali, mas os outros carregariam consigo, por um longo tempo, uma ferida definitivamente incurável. “Não há remédio contra a

morte, nem para aquele que morre, nem para os que continuam a viver”. Naquelas ocasiões quase sempre lhe vinha o mesmo pensamento absurdo: ele morto, sua mãe viva, chorando junto ao seu corpo inerte. Seu maior medo não era do que poderia vir depois para ele, nem da dor física que poderia sentir, afinal seria apenas por um instante, passaria como qualquer outra dor. Não seria tão diferente da dor que sente alguém que sofre um acidente, um corte, uma pancada forte, ou algo semelhante. Seu maior medo, aquele que de fato o impedira até o último momento, era o medo do que poderia acontecer com os outros a quem amava. No entanto, daquela vez, até mesmo esse conflito parecia estar superado. Sua consciência lhe pesava como uma rocha. Tudo, até mesmo os seus medos, parecia lhe impulsionar para o suicídio. Sentia asco só de pensar que mais uma vez poderia voltar atrás como um covarde e continuar naquele conflito sem fim. Iria se sentir mais uma vez como um rato no qual pudesse nascer uma consciência. Era preciso tomar uma decisão definitiva. Desta vez não voltaria atrás. Iria se matar.

Decidiu escrever uma carta para deixar no local onde haveria de ter sua última impressão do mundo. Nela explicaria todos os motivos que o levaram a cometer o suicídio, desabafaria, deixaria à mostra todas as suas dores. Certamente, alguém haveria de reconhecer seus motivos e lhe dar razão. Se é que fosse possível se falar em “razão” nesses momentos.

Como estava sozinho em casa, tratou logo de enxugar um principiar de lágrimas que o nó na garganta parecia represar, levantou da cama e pôs-se a procurar um caderno para escrever a carta. No seu guarda-roupa, em meio a uma porção de livros amontoados, procurou por um velho caderno em que escrevia seus pensamentos, seus poemas, suas desilusões. A última coisa que havia rabiscado era uma espécie de conselho, que havia dado a si mesmo depois de mais uma frustração: “Fazer o melhor e esperar pelo pior, sempre”. Há muito não escrevia nada. Agora, deixaria naquele caderno suas últimas marcas vivas. Abriu-o e começou a escrever:

De modo geral, o que nos torna felizes são as coisas que queremos fazer. Por outro lado, as coisas que temos o dever de fazer nos causam angústia e sofrimento. Por isso, este lugar é tão ruim, pois o que impera nele é o que temos o dever de fazer, nossas pesadas obrigações. Desde que nascemos somos treinados para algum papel que seremos obrigados a exercer; papel este que o mundo tentará nos impor. E é aí que a família atua como um soldado da “civilização”; ela nos algema e nos entrega a qualquer custo para a “civilização”.

O maior dos erros é sempre viver a querer acertar. Acertar o que outros fixaram como uma meta para nós, sem se darem conta de que na verdade as vontades são nossas, e de que todo o risco de malogro ou ventura diz respeito primeiramente a nós. Bate em mim uma pesada sensação de sufocamento ao ver na passagem dos dias uma espécie de sina, de fardo, contra o qual pareço me debater em vão. Um fardo que eu mesmo ajudei a jogar sobre minhas costas e que tomo agora consciência de ter feito de mim um animal, uma besta derrotada não só pela sua natureza biológica, mas, o que é pior, pela natureza social de um bando de gente que, para sua sorte, não se reconhece determinado, gente cuja estreiteza no pensar, no sentir, e no viver é a própria medida de sua existência.

No meu caso, escolhi me submeter ao jogo desses ratos, escolhi trilhar o caminho que traçaram pra mim, escolhi me esconder entre as ovelhas deste rebanho por que acreditei que o próprio rebanho me daria chance de atacar o pastor pelas costas, mesmo correndo o risco de algum infortúnio obstruir a minha viagem, de impedir o meu ataque. Uma vez aqui, tive que compactuar com as regras do jogo para no momento oportuno criar a minha rota de fuga.

Sinto que as regras necessárias à vida em sociedade são muitas vezes prejudiciais à vida do indivíduo, e que, se transpusermos, indistinta e inadvertidamente, as regras de uma para a outra, corremos o risco de nos transformarmos em vegetais, de definharmos em nome de normas e padrões que não criamos.

Sempre senti pulsar em mim o desejo por outro modo de vida, por outra cultura, por mais criação e menos disciplina. Por isso, desde minha infância, a literatura tem exercido uma influência decisiva sobre minha personalidade; na minha forma de ver

e de me relacionar com a vida e com o mundo. Além de aliviar minhas dores, como que me suspendendo deste mundo em meus momentos tristes.

Algumas vezes o meu comportamento tranquilo, meu “equilíbrio”, foi alvo de elogios. Com certeza, não passava pela cabeça de quem me elogiava que aquilo tudo era consequência da influência do que eu encontrava nos livros, e que a “tranquilidade” e o “equilíbrio” eram rebeldia controlada, revolta contida. Nessa contenção, nesse autocontrole, reside a explicação para o que terminaria me tornando um adolescente, pelo menos em relação à maioria dos outros, fechado, compenetrado, introvertido, beirando a misantropia.

Tenho algumas vagas recordações da época em que começou a se manifestar em mim uma vontade de não permanecer onde nasci; uma necessidade de não fixar raízes. Agora tais recordações são tão vagas que não parecem ser confiáveis. Mesmo assim, lembro-me do tempo em que morei com alguns primos, numa casa onde havia um estabelecimento comercial administrado por eles. O estabelecimento exigia certa disciplina no que se refere à organização do tempo e dos trabalhos domésticos. Depois de certa idade, passei a sentir esta disciplina na pele, no meu dia a dia, e isso me incomodava, eu me sentia desconfortável. Simplesmente falta de liberdade e de tempo para observar as coisas, para pensar, para fazer nada. Essa era a característica principal daquele ambiente: muito a fazer, nada a pensar. Nesses tempos até os livros andavam distante. Não consegui resistir, saí de lá.

Depois desta “estação no comércio” mudei-me para a residência do meu tio mais novo. Lá sim, eu tinha conforto para a alma. Liberdade para fazer nada. Agora, ao invés de uma avalanche de produtos e clientes entrando e saindo, eu tinha uma visão aberta do horizonte. Da porta da casa, que ficava no começo de uma rua, eu podia ver quase toda a rua como que num declive e de baixo da linha do horizonte o rio que passava pela cidade. Para as outras pessoas, essa visão não significava nada, mas para mim era como a visão de um belo quadro, uma poesia natural, e artificial ao mesmo tempo. Anos depois eu me sentaria ali, no mesmo lugar, e ficaria observando como as coisas mudavam, e ao mesmo tempo

algo essencial permanecia. É a prova de que as coisas mudam e permanecem as mesmas.

Foi naquela casa, e naquela rua, que fiz minhas primeiras (grandes?) amizades. Amizades estas que atravessariam toda minha infância e perdurariam até o começo de minha adolescência. Foi também naquela casa e naquela rua que passei a observar melhor e mais atentamente as pessoas; seus movimentos, suas atitudes, práticas, hábitos e preconceitos. Estas minhas observações foram determinantes para a formação de minha subjetividade, tanto para aquela fase quanto para fases ulteriores. E tudo isto se deve ao simples fato de que foi observando as pessoas daquele modo, que passei a perceber que tipo de ideias e pensamentos estava por trás daqueles hábitos e atitudes, e a partir de então, passei a escolher e decidir que tipo de pessoa eu não queria ser, e qual tipo de vida eu não queria seguir.

O que passei a sentir como fruto daquelas observações foi uma angústia, uma dor cortante que me acompanharia por toda a minha vida. Esta dor, às vezes, se manifestava de forma mais tênue, às vezes mais forte, insuportavelmente desesperadora, mas raramente externada. Eu a sentia sempre sozinho. Minha angústia nada mais era do que a minha vontade de sair, de ir embora, ainda que eu não soubesse para onde. Só não queria ficar ali.

O que acontecia era que a minha visão de mundo se expandia, minha consciência se alargava, e quanto mais o tempo passava, menos eu cabia ali. Era como se meu cérebro inflamasse e pressionasse minha cabeça.

A principal responsável pelo alargamento de minha consciência, aquela que mais me ajudou a abrir os olhos, foi a música. Ela havia voltado a habitar em meu cotidiano e em meus pensamentos. A música era o único remédio para minhas crises, para minha angústia, para a inflamação no meu cérebro. Este remédio foi reforçado, devo reconhecer, por influência das minhas amizades. Entretanto, eu percebia que esses mesmos amigos não captavam a profundidade da mensagem, à qual se submetiam. Eles passaram lentamente a seguir o caminho dos iguais, isto é, daquelas pessoas que eu observava e que tinham uma visão de mundo muito limi-

tada, uma consciência extremamente restrita às frivolidades, às coisas pequenas. Era natural que aos poucos eu me afastasse dessas amizades, e foi o que aconteceu.

Eu tinha que sair daquele lugar, não porque as pessoas fossem insuportáveis, mas porque eu não pertencia àquele lugar. Mais tarde ficaria completamente convencido de que eu havia nascido no lugar errado, e mais, na época errada. No fundo, a grande pergunta que se escondia por trás dessa inquietação era: por que, e para quê eu havia nascido?

O meu desconforto, minha incompatibilidade, minha angústia, tudo convergia agora para essa esfíngica questão. Era o cúmulo do absurdo. Sim, a vida começa com um absurdo: num momento você não é nada e em outro você é, e esta passagem, do não ser para o ser (a mais crucial de todas) não é você quem faz. Talvez a vida só deixe de ser um absurdo se vista exclusivamente de uma perspectiva biológica, fora isto não há necessidade lógica nenhuma na vida.

Essa ideia foi uma punhalada na minha carne. Já não bastassem os pensamentos que me atormentavam, havia descoberto, então, que todo aquele sofrimento era gratuito! Você nasce, sem motivo nenhum, de certa forma é obrigado a nascer, ninguém pergunta nada a você sobre esse acontecimento que é o mais importante, marcante, determinante, um acontecimento entre os dois únicos certos e inevitáveis da sua vida. Você carrega durante toda sua existência o estigma de ter nascido por obrigação, já que por mais planejado que este acontecimento possa ser não há definitivamente uma preparação para ele, e antes de nascer já é culpado por criar conflitos, pequenos e grandes problemas. Então, no dia do seu aniversário, dão a você uma calça ou uma camiseta, te dizem parabéns, e querem que você se sinta feliz! Damos congratulações a alguém sempre que se consegue superar grandes dificuldades e proezações, talvez seja por isso que de ano em ano parabenizamos as pessoas, porque a vida é realmente uma batalha sofrida, e uma batalha inútil, de sofrimentos inúteis. Seria até mais significativo que nos déssemos medalhas, assim como são dadas aos soldados que sobrevivem à guerra.

A partir de então, a manhã passou a ser para mim a parte do dia que menos fazia sentido, porque era como nascer de novo. Isso

só não é facilmente percebido porque quando acordamos imediatamente, vemos o mesmo mundo de sempre, que já está sólido na nossa mente, então cometemos um autoengano pensando saber onde estamos, porque estamos e quem somos. Odeio todas as manhãs!

A única certeza que eu tinha, no entanto, é que eu estava ali: entre pessoas que não compartilhavam dos mesmos pensamentos que eu, não se interessavam pelas mesmas coisas que eu, não percebiam as mesmas coisas que eu percebia, em suma, pessoas cuja visão de mundo nem se aproximava daquela para qual eu abria meus olhos depois de ter sido provocado por tudo aquilo que aguçava minha sensibilidade. Com o passar do tempo, cada vez mais aumentava a distância da qual eu olhava a maneira como aquelas pessoas ao meu redor enxergavam o mundo e a existência: um nascer, uma domesticação (o mundo todo é um grande ambiente doméstico), um “ir à escola” (continuação da domesticação), um “estudar para ser doutor”, e finalmente um “gastar todo o dinheiro que conseguiu”, seja de forma estúpida ou “consciente”. Uma pedra que depois de uma tempestade é arrancada do topo de um monte e vai rolando para baixo, sendo lapidada pelo impacto com outras pedras até que para num determinado lugar e ali permanece durante anos e anos até que outra tempestade venha e a faça rolar novamente. Ela mesma por si não se move, nem pensa, nem decide nada, apenas é levada pelos ventos e tempestades, até o dia em que vira pó. Eis o retrato daquelas pessoas e da vida delas. Pedras. Era assim que elas me pareciam.

Certa vez, um amigo me falara a respeito de um filósofo que havia anunciado o “além-do-homem”. Ele dizia que, assim como o macaco é motivo de riso para o homem, o homem é motivo de riso para o além-do-homem. Entretanto, ele não viu o que eu vi, senão perceberia que para podermos alcançar o além-do-homem deveria existir pelo menos o homem, mas o que ele entendeu por homem na verdade é um “quase-macaco”, que é motivo de riso até para o próprio macaco. Não existe o homem, existe a pedra, o quase-macaco. Mais tarde, eu iria entender que muito da minha angústia derivava de minha situação de viver entre pedras, pois num ambiente em que apenas um único indivíduo não é pedra, este está fadado à infelicidade. Felizes são as pedras.

Obviamente não expus essas reflexões para ninguém, e nem dei sinais de que pensava daquela forma. No mínimo, eu iria ser censurado por todos, me acusariam de estar falando asneiras, dir-me-iam que alguém estava “colocando” aquilo na minha cabeça. Provavelmente, iriam pensar também que era falta de Deus no meu coração e obrigar-me-iam a frequentar o catecismo permanentemente. Certamente não me entenderiam, até porque as palavras seriam inócuas. Só eu sei do petardo que carregou desde que nasci em meu coração apertado. Há certas verdades que podemos revelar a qualquer pessoa, outras só a alguém muito íntimo, mas a maioria de nossas verdades só nós podemos saber, e isto vale para qualquer forma de relacionamento...”

Bernardo continuou escrevendo a carta durante um bom tempo, até que o sono o venceu. A carta o salvara. O sono atendeu por algumas horas seu anseio de morte. Já pela manhã acordou com o sol que atravessava as frestas da janela e aquecia seu rosto. Imediatamente percebeu que mais uma vez havia falhado em sua tentativa de por termo à própria vida. Desta vez tinha sido o sono o anestésico para seu impulso suicida.

Ficou sentado na cama e olhou para o caderno ao seu lado. Havia muitas folhas escritas. Até aquele momento ele não havia se dado conta, mas o que era para ser uma carta de despedida tinha se desdobrado num texto enorme. Em seus momentos de angústia ele sempre rabiscava algumas palavras, mas aquela carta era certamente a maior que já havia escrito. Quando a leu, notou que ela continha lembranças que pareciam estar definitivamente apagadas. Foi como se visse a si mesmo, de modo mais claro. Aquela carta era um diagnóstico quase exato do que ele sentia, mesmo embora não tivesse sequer feito menção às suas graves crises nervosas. Não fosse o fato de ter adormecido, teria escrito ainda por muito tempo. Àquela altura, sua vontade de se matar já havia se amainado, mas estava de alguma forma fixamente continuada nas palavras escritas naquele papel. Pensou que talvez seria uma ótima terapia continuar escrevendo seu desabafo, agora em sobriedade. Aquela carta seria transformada em algo que pudes-

se ser compartilhado com outras pessoas. Decidiu transformá-la numa espécie de novela, ou talvez num romance: a história de alguém que decide se matar e então passa a escrever uma carta de despedida. O personagem começa a escrever compulsivamente, adormece, e no outro dia resolve transformar a carta num romance. Era a sua história, mas para todos os efeitos seria uma ficção. Uma mentira que ajudaria a compreender a verdade.

Enquanto tomava café, refletia sobre o livro: como começaria a história; se iria transcrever a carta literalmente; se colocaria seu próprio nome no personagem; qual seria o desfecho; sobre que fundo se passariam os eventos.

Se o personagem levasse seu próprio nome, as pessoas mais próximas desconfiariam se tratar dele mesmo. Não queria que aquilo parecesse uma espécie de romance biográfico. Resolveu mudar o nome. O protagonista se chamaria Carlos. Começaria descrevendo o último momento de desespero de Carlos, quando ele já estava de posse de uma arma, de um caderno e de uma caneta. Iria transcrever toda a carta. Carlos terminaria não se suicidando e resolveria transformar sua carta num romance. A narrativa seria predominantemente introspectiva. No desfecho pensaria depois, talvez fosse interessante que Carlos morresse por morte natural, ou num acidente trivial.

Assim que terminou seu café, procurou novamente o caderno e começou a esboçar o início da narrativa:

Desta vez iria se matar.

Já havia muito tempo que ele vinha experimentando aquela sensação mórbida, e repetidas vezes aquele mesmo nó cortante na garganta; um amargo ódio de si e da vida, a repulsa por toda e qualquer felicidade que naquele momento pudesse estar sendo vivenciada. No entanto, em todas essas ocasiões anteriores, o medo da dor havia lhe impedido de consumir o fato. E o que mais pesava contra aquele instinto era a consciência de que causaria um mal terrível para muitas pessoas. Para ele, tudo poderia acabar ali, mas os outros carregariam consigo, por um longo tempo, uma ferida definitivamente incurável. Não há remédio contra a morte, nem para aquele que morre, nem para os que continuam a viver...”

Há muito tempo Bernardo nutria admiração pelos grandes escritores. A ideia de escrever uma obra literária, no entanto, nunca havia sido um objetivo seu. Quando um pouco mais jovem, até ocorreram-lhe pensamentos que julgava em certa medida interessantes, dignos mesmo de serem comunicados. Entretanto, as circunstâncias da vida afastaram tais projetos. Sabia que a arte, quando profissão, é algo muito arriscado. Sabia também que, quem é proveniente de uma família pobre não pode gozar de certos privilégios, e escrever era um destes privilégios que não lhe cabiam. Há muito se resignara a este respeito.

Apesar de conformado com seu desprivilégio, aquela carta continuava a ser escrita dentro dele a cada segundo. Parecia que o mesmo impulso que na noite passada o impelia para o suicídio, agora o obrigava a escrever. Pensou que não haveria problema algum, pois afinal não tinha a pretensão de se tornar um grande escritor com aquela história. Seria apenas uma maneira de deixar algo para ser compartilhado, algo que continuaria mesmo a ser escrito por outras pessoas de acordo com o efeito que lhes causasse. Ele continuaria vivendo de seu trabalho no hospital, mas precisava também agora resolver aquela questão radicalmente íntima. Era um compromisso consigo mesmo.

Eram oito e trinta da manhã. Bernardo parou de escrever e guardou o caderno. Tomou rapidamente um banho e se vestiu para ir ao trabalho.

Há cinco anos trabalhava no hospital do seu bairro. Era o único hospital do bairro, cuja vida morosa de uma localidade semi-rural evitava que os médicos, enfermeiros e demais funcionários se sobrecarregassem. O estilo de vida dos habitantes facilitava também o trabalho de Bernardo. Seu expediente começava somente quinze para às nove, isto devido a pouca movimentação e ao empenho do vigia que fazia questão de lhe adiantar o trabalho, já que passava a madrugada inteira sem nada fazer. Encerava o piso, limpava todo o pátio, corredores e área de espera. Ao meio dia, limpava o banheiro e parava para almoçar. A partir das quinze horas repetia o serviço e as dezessete e trinta voltava para casa.

Seu salário lhe permitia uma vida modesta, mas bem melhor do que aquela que levava em sua cidade natal, aonde vivera

até os vinte e dois anos. Agora pelo menos não precisava passar pelo constrangimento de ouvir sua mãe pedir um pouco disto ou daquilo aos vizinhos para fazer as refeições, nem precisava carregar um sentimento de culpa ao gastar importantes trocados com cigarros e cachaça. Tinha agora seu próprio dinheiro, que não era muito, mas garantia-lhe o básico.

Quando vivia em sua cidade natal, Bernardo levava uma vida relativamente tranquila, não financeiramente, pois as dificuldades sempre estiveram presentes, mas no que se refere a outras preocupações, o ritmo de vida do interior o poupou até certo ponto da necessidade de correr contra o tempo. Simplesmente lá não havia muitas perspectivas. As condições sempre estiveram bem definidas: podia-se ser um pequeno comerciante, um baixo funcionário público (desde que se estivesse ligado a algum padrinho político), ou se alcançar um patamar um pouco mais elevado (desde que se fosse um defensor incondicionalmente leal do seu padrinho político).

A estrutura política era desde sempre aquela: votos em troca de empregos, bajulações em troca de migalhas, silêncio e mentiras em troca de esmolas. A pobreza na alma do povo era tamanha que todos entendiam aquela situação como a certa e a única possível. Nada faziam a não ser se submeterem à estrutura, e soltar foguetes quando seu candidato ganhava. Nada queriam e em nada pensavam a não ser em uma “ajudinha” para isto ou aquilo: levantar uma casa, conseguir um terreno, ganhar um “bico”, conseguir uma abonação que lhes deixasse numa situação mais confortável. Do prefeito ao mendigo todos eram complacentes, todos eram iguais: na primeira oportunidade que lhes surgisse comprariam um carro e desfilariam nele vagarosamente pelas ruas estreitas e esburacadas.

Quando tinha quinze anos de idade, Bernardo voltou a morar com sua mãe, depois que ela se frustrou em todas as tentativas de se estabilizar financeiramente em outras cidades. Morando com ela, Bernardo via e vivia toda aquela situação e já conseguia perceber como o aviltamento estava enraizado na alma do povo. Sua própria mãe pronunciava sem pudor algum que tudo o

que ela possuía, o emprego que era fonte de seu sustento, fora-lhe dado por certo deputado. Sempre que ouvia isso Bernardo sentia como se duas algemas se fechassem em suas pernas e o prendessem no chão, impedindo-o de caminhar.

Naquela terra qualquer pessoa que tivesse um mínimo de orgulho e sonhasse em dar grandes passos de maneira independente, logo virava objeto de deboche. Acreditar em si era uma ofensa pública, ajoelhar-se e pedir (mesmo quando já se tinha algo assegurado por direito) era sinônimo de dignidade.

Aquela altura, mesmo sendo jovem, Bernardo sentia arder-lhe na pele toda aquela situação de miséria. Miséria social, mas principalmente espiritual. As reflexões que costumava fazer, estimulado pelas suas frequentes visitas aos livros da deteriorada biblioteca pública, engendravam nele um tenso afastamento, cada vez mais diatribe, daquele mundo de mesquinhas. Bernardo já era conhecido, e admirado por alguns, pelo seu apreço aos livros, assim como também era tomado por muitos como pernóstico e excêntrico, devido seu caráter lacônico. De fato, ele era um rapaz de pouquíssimas palavras. Mas, se por um lado falava pouco, por outro pensava muito, e quanto mais pensava, mais sentia desgosto por estar na situação em que se encontrava, mais se sentia estranho na própria terra. Raras eram as pessoas com quem dialogava. Preferia a solidão, e quando às vezes queria conversar, por saber que não havia com quem, ele escrevia.

De modo semelhante a Fernando Pessoa, a quem a língua portuguesa representava a própria pátria, posso afirmar com a mais tranquila naturalidade que minha casa são os livros. Não há lugar em que sinta maior paz do que nos livros, nem momento em que me assalte mais profunda serenidade como quando me recolho à solidão da leitura. Criei laços tão fortes com estas moradas que não consigo mais me conceber distante delas. Além do mais, todos nós precisamos de um lar, e a vantagem de se morar em livros é que se não lhe chega um, bastam papel, caneta e engenhosidade arquitetônica para se traçar um projeto e logo em seguida começar a levantar as páginas, isto é, as paredes. E como é verdadeiro aquele

bordão: “não há casa como a nossa casa”. Somente quando estou em casa, ou seja, nos livros, me sinto plenamente livre. Se de fato existir um paraíso, este deve ser uma biblioteca com um número infinito de livros.

Todavia, o caminho que trilhei até chegar ao âmago destes lares, ou seja, até descobrir onde realmente meu espírito encontrava conforto, tal foi um caminho doloroso. Passei por uma “estação no inferno” durante toda minha vida até chegar a este calmaria. Tudo me faz supor que, na grande maioria dos casos, se um indivíduo dispõe de alguém que lhe abane com plumas, lhe coce a barriga e coloque uvas na boca, dificilmente tal indivíduo será atraído pelo caminho da reflexão, pois, com efeito, por que razão tal sujeito se entregaria dedicadamente a uma vida de estudo e aprofundamento intelectual?

Suponho isto a partir do que observo nos meus colegas de escola. Qualquer atividade, por mais banal que seja, é para a maioria um convite atraente e muito mais agradável do que sentar-se e abrir um livro. Claro está que assim é porque eles veem nos estudos uma prisão temporária. Eu, ao contrário, experimento nos livros uma momentânea libertação, assim como o presidiário que tem direito a passar os fins de semana fora da prisão. A maioria enxerga o estudo como uma obrigação, eu enxergo como um prazer. O livro é a minha porta de saída deste mundo de misérias.

Se o indivíduo tem alguém com quem interagir razoavelmente; trocar algumas palavras; receber e dar um apoio quando necessário, alguém cujo repertório e visão de mundo corresponda minimamente à sua, o suficiente para, ao menos, possibilitar uma conversa agradável, em tais condições o recolhimento e a introspecção não são tão necessários. Continuam sendo necessários apenas na medida em que contribuem para o amadurecimento do indivíduo.

Mas já para o homem que não consegue se sentir bem em lugar algum, nem vive próximo de alguém que tenha alcançado um patamar de leitura do mundo compatível com a sua, a tal homem a solidão não só é necessária como indispensável para sua própria sobrevivência.

O mais terrível desse processo é que o momento em que me elevo na leitura e nas dobras do pensamento é demasiado breve; logo deverei descer a este mundo miserável e novamente tentar me comunicar com pessoas que, salvo raríssimas exceções, distam anos-luz de mim, e que nem se nascessem novamente conseguiriam me entender, uma vez que o entendimento intersubjetivo depende necessariamente da formação espiritual (ou intelectual) dos interlocutores. Por isso é que a formação agregada ao caráter individual, quando destoam muito de uma pessoa para outra, torna ideal que essas duas pessoas no máximo digam “bom dia” uma para outra e cada uma siga seu caminho conforme a disposição natural e cultural de cada uma.

Como somos ainda incapazes de fazer esta distinção de modo perfeito, e às vezes por complacência esquecemo-nos de fazê-la, deixamo-nos envolver com pessoas que, devido ao que dissemos acima, não nos entenderão e só nos trarão conflitos. Nesses casos corremos o risco de trazer o sofrimento para dentro do nosso próprio quarto e termos de suportá-lo até o dia em que nos venha “o fim de todos os milagres”.

Mesmo repleto de asco pela situação social que o oprimia, Bernardo se viu obrigado a submeter-se a um execrável conchavo político para conseguir um emprego em outra cidade. Gritava em seu coração a necessidade de sair daquele lugar, precisava urgentemente, ao menos avistar outros horizontes e ter a certeza de que o mundo era maior do que aquilo que seus olhos lhe mostravam. Além disso, sentia-se como um peso morto e inútil nas costas da sua mãe; já era tempo de caminhar com as próprias pernas. Sem perspectivas em sua cidade, e sem que conhecesse alguém que pudesse oferecer alternativas em outro lugar, Bernardo abraçou com nojo a primeira oportunidade que lhe surgiu: um vereador da cidade falou à sua mãe sobre a disponibilidade de uma vaga numa empresa prestadora de serviços ao governo do Estado. Ele oferecia a vaga em troca de apoio na sua campanha. A vaga seria para a função de “serviços gerais”, num hospital de uma cidade vizinha, um pouco mais desenvolvida, o que abria boas possibili-

dades de progressão profissional. Com o pensamento humilhado, Bernardo aceitou.

Sempre que ia ao trabalho lembrava com vergonha das palavras de sua mãe no momento em que acertaram o acordo com o vereador: “agradeça *sempre* ao Dr. Lourenço, pois se não fosse por ele tu não conseguirias *nunca*”. E ao mínimo esboço de altivez que tentava se insinuar através do descontentamento com o cargo que lhe fora reservado, a mãe de Bernardo logo retrucava: “tu pega é o boi! Tem gente que tá aí é sem nada, pobre de gritar de noite”.

Uma semana depois do acordo, um primo de Bernardo também chegaria a conseguir um emprego como vigia de uma escola da mesma cidade para onde Bernardo iria. Os dois passaram então a dividir as despesas de uma casa. “Que homem bom, Dr. Lourenço”, dizia o primo de Bernardo.

Antes de sair, Bernardo ainda ligou o rádio a fim de ouvir rapidamente o resumo das notícias. No entanto, o horário já avançado não lhe permitiu demorar mais que alguns segundos. Em pé, no meio da sala e com o controle na mão, informou-se apenas sobre o estranho suicídio de um professor da cidade. Segundo a nota, o fato havia surpreendido a todos, já que o professor jamais demonstrara ser uma pessoa depressiva, nem apresentava um comportamento de tendência suicida.

Bernardo desligou o rádio e saiu apressadamente. A notícia ecoava em sua cabeça. Enquanto caminhava em direção ao hospital, uma multidão de pensamentos se cruzava. Todos eles, no entanto, se relacionavam ou ao sentimento de impotência e dependência que seu trabalho lhe provocava, ou a história que, inusitadamente, começara a escrever, ou ao suicídio que o rádio havia noticiado. A ligação direta entre os dois últimos assuntos lhe causou uma forte impressão. Fúnebre coincidência: no dia posterior ao que passou pela sua cabeça a ideia de dar cabo da própria vida alguém foi capaz de dar o último passo. “Nessas horas sempre clamamos por um ‘porquê’, como se uma causa ou motivo pudesse explicar tudo. Mas nunca questionamos a necessidade deste ‘porquê’.

Seguiu pela avenida. Havia caminhado três quadras e meia, quando, do outro lado da rua, um garotinho o avistou e

veio ao seu encontro. Surpreendeu-o parando na sua frente e entregando-lhe uma folha de papel. Com o outro braço, o garoto segurava uma resma de papel bastante volumosa. Bernardo teve a impressão de o já ter visto em algum lugar. Tinha certeza, no entanto, que jamais havia trocado qualquer palavra com aquele garoto. Aparentava onze ou doze anos de idade. Sua pele clara e seus ruivos cabelos cacheados lhe emprestavam uma feição como que angelical. O olhar que denunciava a ingenuidade sensibilizou a Bernardo, que ficou imóvel na sua frente.

— Que houve garoto? O que é isto?

— Tome, é para você – respondeu com uma voz ainda carregada de infância. — Bernardo tomou a folha, observou-a de um lado e de outro.

— Mas está toda em branco!

Arrumando a resma que pesava em seu braço, o garoto respondeu depois de alguns segundos:

— Sim, eu sei. Mas esse é o nosso papel no mundo: o papel em branco.

Antes que Bernardo digerisse a frase, o garoto agradeceu-lhe e saiu, distribuindo folhas em branco a todos que cruzassem o seu caminho. Por um instante, Bernardo ficou parado, segurando a folha de papel enquanto observava aquele garoto indo pela rua. Lembrou-se, no entanto, do horário que avançava e tratou de continuar seu trajeto. “Mas, o que levou aquele menino a sair pela rua distribuindo folhas de papel em branco, e ainda dizer que aquele era o nosso papel no mundo?”

Notou na avenida algumas bolas de papel amassadas, jogadas pelo chão. Provavelmente eram folhas entregues pelo mesmo garoto. Dobrou numa rua donde já se avistava o hospital. Na calçada de uma casa, duas mulheres conversavam sentadas em suas cadeiras. Uma das mulheres dobrava distraidamente uma folha de papel enquanto conversava. Ao seu lado, uma criança aparentemente de três ou quatro anos, sentada no chão, olhava para uma folha de papel estendida aos seus pés. Parecia bastante concentrada. De repente, apanhou detrás de si um lápis de cor marrom e outro azul e começou a pintar o papel com as duas

mãos, ao mesmo tempo, preenchendo o papel com o azul a partir de uma extremidade da folha e com o marrom a partir da outra. “Há coisas que só uma criança pode entender”, disse Bernardo a si mesmo.

No hospital, Bernardo cumpriu as tarefas de sempre. O ritmo do trabalho em nada fugiu ao normal. Mas, se no trabalho nenhuma novidade lhe tomava a atenção, seu pensamento, por outro lado, concentrava-se por completo nos insólitos acontecimentos que marcaram o começo do seu dia: o suicídio; o garoto que entregava folhas em branco; e ainda a história que se costurava vagarosamente em sua imaginação. Esta, principalmente, sumia e reaparecia como um morcego fazendo sua ronda noturna.

Já era noite quando Bernardo se encontrava novamente em casa. Depois de um banho e de alguns minutos de televisão, resolveu retomar seu caderno e continuar a escrever, enquanto requentava no fogão a comida feita por seu primo:

Como estava sozinho em casa, tratou logo de enxugar um principiar de lágrimas que o nó na garganta parecia represar, levantou da cama e pôs-se a procurar um caderno para escrever a carta. No seu guarda-roupa, em meio a uma porção de livros amontoados, procurou por um velho caderno em que escrevia seus pensamentos, seus poemas, suas desilusões. A última coisa que havia rabiscado era uma espécie de conselho, que havia dado a si mesmo depois de mais uma frustração: “Fazer o melhor e esperar pelo pior, sempre”. Há muito não escrevia nada. Agora, deixaria naquele caderno suas últimas marcas vivas. Abriu-o e começou a escrever...”

Bernardo passou depois a transcrever alguns trechos da carta que ele mesmo havia escrito, como que numa tentativa de derramar sobre Carlos a carga de sentimentos que outrora havia lhe perturbado:

O meu desconforto, minha incompatibilidade, minha angústia, tudo convergia agora para essa esfíngica questão. Era o cúmulo

do absurdo. Sim, a vida começa com um absurdo: num momento você não é nada e em outro você é, e esta passagem, do não ser para o ser (a mais crucial de todas) não é você quem faz. Talvez a vida só deixe de ser um absurdo se vista exclusivamente de uma perspectiva biológica; fora isto, não há necessidade lógica nenhuma na vida...

...

A partir de então, a manhã passou a ser para mim a parte do dia que menos fazia sentido, porque era como nascer de novo. Isso só não é facilmente percebido porque quando acordamos imediatamente vemos o mesmo mundo de sempre, que já está sólido na nossa mente, então cometemos um auto-engano, pensando saber onde estamos, porque estamos e quem somos. Odeio todas as manhãs!

...

Obviamente não expus essas reflexões para ninguém, e nem dei sinais de que pensava daquela forma. No mínimo, eu iria ser censurado por todos, acusariam-me de estar falando asneiras, dir-me-iam que alguém estava “colocando” aquilo na minha cabeça. Provavelmente iriam pensar também que era falta de Deus no meu coração e obrigar-me-iam a frequentar o catecismo permanentemente. Certamente não me entenderiam, até porque as palavras seriam inócuas. Só eu sei do petardo que carrego desde que nasci em meu coração apertado. Há certas verdades que podemos revelar a qualquer pessoa, outras só a alguém muito íntimo, mas a maioria de nossas verdades só nós podemos saber, e isto vale para qualquer forma de relacionamento...

À medida que continuava a narrativa, Bernardo sentiu que seria interessante escrever sobre o começo do dia, quando acordara sobre uma porção de folhas de papel rabiscadas, depois de haver se consternado com sua última crise na noite anterior. Interrompeu por alguns minutos seu trabalho somente para fa-

zer uma refeição e logo voltou ao seu caderno. Vestindo-se com outro nome, tentou dar àquela personagem que não era mais que uma sombra sua uma existência independente. Incorporou a seguinte passagem à sua história:

Carlos continuou escrevendo a carta durante um bom tempo, até que o sono o venceu. A carta o salvara. O sono atendeu por algumas horas seu anseio de morte. Já pela manhã, acordou com o sol que atravessava as frestas da janela e aquecia seu rosto. Imediatamente percebeu que mais uma vez havia falhado em sua tentativa de por termo à própria vida. Desta vez, tinha sido o sono o anestésico para seu impulso suicida.

Ficou sentado na cama e olhou para o caderno ao seu lado. Havia muitas folhas escritas. Até aquele momento ele não havia se dado conta, mas o que era para ser uma carta de despedida tinha se desdobrado num texto enorme. Em seus momentos de angústia ele sempre rabiscava algumas palavras, mas aquela carta era certamente a maior que já havia escrito. Quando a leu, notou que ela continha lembranças que pareciam estar definitivamente apagadas. Foi como se visse a si mesmo de modo mais claro. Aquela carta era um diagnóstico quase exato do que ele sentia, mesmo embora não tivesse sequer feito menção às suas graves crises nervosas. Não fosse o fato de ter adormecido, teria escrito ainda por muito tempo. Àquela altura, sua vontade de se matar já havia se amainado, mas estava de alguma forma fixamente continuada nas palavras escritas naquele papel. Pensou que talvez seria uma ótima terapia continuar escrevendo seu desabafo, agora em sobriedade. Aquela carta seria transformada em algo que pudesse ser compartilhado com outras pessoas. Decidiu transformá-la numa espécie de novela, ou talvez num romance: a história de alguém que decide se matar e então passa a escrever uma carta de despedida. O personagem começa a escrever compulsivamente, adormece, e no outro dia resolve transformar a carta num romance. Era a sua história, mas para todos os efeitos seria uma ficção. Uma mentira que ajudaria a compreender a verdade.

Enquanto tomava café, refletia sobre o livro: como começaria a história; se iria transcrever a carta literalmente; se colocaria

seu próprio nome no personagem; qual seria o desfecho; sobre que fundo se passariam os eventos.

Se o personagem levasse seu próprio nome, as pessoas mais próximas desconfiariam se tratar dele mesmo. Não queria que aquilo parecesse uma espécie de romance biográfico. Resolveu mudar o nome. O protagonista se chamaria Bernardo. Começaria descrevendo o último momento de desespero de Bernardo, quando ele já estava de posse de uma arma, de um caderno e de uma caneta. Iria transcrever toda a carta. Bernardo terminaria não se suicidando e resolveria transformar sua carta num romance. A narrativa seria predominantemente introspectiva. No desfecho, pensaria depois, talvez fosse interessante que Bernardo morresse por morte natural, ou num acidente trivial.

Assim que terminou seu café, procurou novamente o caderno e começou a esboçar o início da narrativa:

Desta vez iria se matar.

Já havia muito tempo que ele vinha experimentando aquela sensação mórbida, e repetidas vezes aquele mesmo nó cortante na garganta; um amargo ódio de si e da vida, a repulsa por toda e qualquer felicidade que naquele momento pudesse estar sendo vivenciada. No entanto, em todas essas ocasiões anteriores, o medo da dor havia lhe impedido de consumir o fato. E o que mais pesava contra aquele instinto era a consciência de que causaria um mal terrível para muitas pessoas. Para ele tudo poderia acabar ali, mas os outros carregariam consigo, por um longo tempo, uma ferida definitivamente incurável. Não há remédio contra a morte, nem para aquele que morre, nem para os que continuam a viver...

Bernardo continuou escrevendo a carta durante um bom tempo, até que o sono o venceu. A carta o salvava. O sono atendeu por algumas horas seu anseio de morte. Já pela manhã acordou com o sol que atravessava as frestas da janela e aquecia seu rosto. Imediatamente percebeu que mais uma vez havia falhado em sua tentativa de por termo à própria vida. Desta vez, tinha sido o sono o anestésico para seu impulso suicida.

Ficou sentado na cama e olhou para o caderno ao seu lado. Havia muitas folhas escritas. Até aquele momento ele não havia se dado conta, mas o que era para ser uma carta de despedida tinha se desdobrado num texto enorme. Em seus momentos de angústia ele sempre rabiscava algumas palavras, mas aquela carta era certamente a maior que já havia escrito. Quando a leu, notou que ela continha lembranças que pareciam estar definitivamente apagadas. Foi como se visse a si mesmo de modo mais claro. Aquela carta era um diagnóstico quase exato do que ele sentia, mesmo embora não tivesse se quer feito menção às suas graves crises nervosas. Não fosse o fato de ter adormecido, teria escrito ainda por muito tempo. Àquela altura sua vontade de se matar já havia se amainado, mas estava de alguma forma fixamente continuada nas palavras escritas naquele papel. Pensou que talvez seria uma ótima terapia continuar escrevendo seu desabafo agora em sobriedade. Aquela carta seria transformada em algo que pudesse ser compartilhado com outras pessoas. Decidiu transformá-la numa espécie de novela, ou talvez num romance: a estória de alguém que decide se matar e então passa a escrever uma carta de despedida. O personagem começa a escrever compulsivamente, adormece, e no outro dia resolve transformar a carta num romance. Era a sua história, mas para todos os efeitos seria uma ficção. Uma mentira que ajudaria a compreender a verdade..."

Aos poucos, à medida que a história escrita por Bernardo ia se desenrolando sentia-se ele enredado numa sinuosa teia de aranha. Seu trabalho parecia ser uma espécie de costura cujo tecido, quando não brotava milagrosamente de seu inconsciente era por ele arrancado a fórceps. E ele arrogava o direito de fazê-lo já que de algum modo tinha certeza de que havia ali um conteúdo guardado e que viera se acumulando ao longo do tempo que precisava ser lançado em algum lugar fora de sua cabeça. O ato de escrever mostrava-lhe agora aquela antiga vontade de morrer como um sentimento infantil, não pelas suas motivações internas, não que se esquecesse da tristeza mordaz que repetidas vezes o acometia subitamente, mas pela sua incapacidade de compre-

ender aquele sentimento como um pedido de ajuda; um pedido que seu coração lançava a ele mesmo, mas que ele, obnubilado por uma multidão de pensamentos distorcidos era incapaz de ouvir. Aquela vontade era na verdade vontade de viver; vontade de atirar para longe as amarguras que sua condição lhe impunha, e que ele, dotado de uma arguta consciência, não queria e não iria aceitar. Se algo tem que morrer, que morra isto que quer me matar. Pensava Bernardo.

A noite avançava e a passagem das horas era acompanhada pela passagem das linhas e parágrafos. O seu caderno havia se transformado em um confessional e ao mesmo tempo num laboratório, num vasto campo totalmente aberto para a criação; tudo era duramente real, porquanto nascia dos seus sentimentos mais pesados. Sua cabeça recriava o mundo como se tivesse a força de um verbo divino.

Quando tinha quinze anos de idade, Carlos voltou a morar com sua mãe, depois que ela se frustrou em todas as tentativas de se estabilizar financeiramente em outras cidades. Morando com ela, Carlos via e vivia toda aquela situação e já conseguia perceber como o aviltamento estava enraizado na alma do povo. Sua própria mãe pronunciava sem pudor algum, que tudo o que ela possuía, o emprego que era fonte de seu sustento, fora-lhe dado por um certo deputado. Sempre que ouvia isso, Bernardo sentia como se duas algemas se fechassem em suas pernas e o prendessem no chão, impedindo-o de caminhar.

Naquela terra, qualquer pessoa que tivesse um mínimo de orgulho e sonhasse em dar grandes passos de maneira independente logo virava objeto de deboche. Acreditar em si era uma ofensa pública, ajoelhar-se e pedir (mesmo quando já se tinha algo assegurado por direito) era sinônimo de dignidade.

Aquela altura, mesmo sendo jovem, Carlos sentia arder-lhe na pele toda aquela situação de miséria. Miséria social, mas principalmente espiritual. As reflexões que costumava fazer, estimulado pelas suas frequentes visitas aos livros, engendravam nele um tenso afastamento, cada vez mais diatribe, daquele mundo de mesqui-

nharias. Carlos já era conhecido, e admirado por alguns, pelo seu apreço aos estudos, assim como também era tomado por muitos como pernóstico e excêntrico, devido ao seu caráter lacônico. De fato, ele era um rapaz de pouquíssimas palavras. Mas, se por um lado falava pouco, por outro pensava muito, e quanto mais pensava mais sentia desgosto por estar na situação em que se encontrava, mais se sentia estranho na própria terra...

Mesmo repleto de asco pela situação social que o oprimia, Carlos se viu obrigado a se submeter a um execrável conchavo político para conseguir um emprego em outra cidade. Gritava em seu coração a necessidade de sair daquele lugar, precisava urgentemente ao menos avistar outros horizontes e ter a certeza de que o mundo era maior do que aquilo que seus olhos lhe mostravam. Além disso, sentia-se como um peso morto e inútil nas costas da sua mãe; já era tempo de caminhar com as próprias pernas. Sem perspectivas em sua cidade, e sem que conhecesse alguém que pudesse oferecer alternativas em outro lugar, Carlos abraçou com nojo a primeira oportunidade que lhe surgiu: um vereador da cidade falou à sua mãe sobre a disponibilidade de uma vaga numa empresa prestadora de serviços ao governo do Estado. Ele oferecia a vaga em troca de apoio na sua campanha. A vaga seria para a função de “serviços gerais”, num hospital de uma cidade vizinha, um pouco mais desenvolvida, o que abria boas possibilidades de progressão profissional. Com o pensamento humilhado, Carlos aceitou.

Acerca de vinte e quatro horas atrás, Bernardo lamentava sua condição e se angustiava por ser quem era. Deprimido, chegou mesmo a pensar em suicídio, sentindo no sal de suas lágrimas o gosto surpreendentemente amargo de viver com uma sensação de fracasso, e de impotência. Sentindo-se incapaz de empreender qualquer coisa que o fizesse sair da condição de um mero animal que se degenera e define ao atender por pura força das circunstâncias suas necessidades mais básicas, rastejava por debaixo de suas próprias frustrações, amalgamando sua meia resignação com sua revolta sem resultado.

E eis que do veneno sai o antídoto. Inadvertidamente, ele encontra uma forma de converter tudo aquilo em algo que o faz

bem. Por horas a fio, enquanto escreve, Bernardo mantém suspensos os sentimentos que o angustiam. As palavras que apareciam no papel carregavam cada uma um pouco do seu estado de espírito. Na milagrosa conversão que se processava, o fundo pesado de seus pensamentos atravessava sua pena, e, filtrado seu mundo mais íntimo, o que desaguava no papel era como que o lado belo da tristeza. Escrever sobre os sentimentos que o matavam lhe dava uma sensação de liberdade, de estar acima de si mesmo, fazendo-o renascer.

A noite avançava. Bernardo interrompeu a escrita e foi se deitar.

Sono pesado; sem sonhos nem perturbações. Dormiu tão bem quanto dorme uma pedra. E junto com o silêncio que cobria o mundo e a consciência de Bernardo, a noite passou num átimo.

Quando acordou, era o dia que esperam os que acumulam a esperança de um dia em que não se espere mais nada. Dia em que compramos os analgésicos e anestésicos com a recompensa que recebemos por ter suportado a tortura de um instrumento chamado trabalho.

O sábado carregava certa magia; dispersava os aborrecimentos concentrados pelas pequenas, mas incômodas contradições do cotidiano, e até problemas mais agudos, como os que atingem aos tipos mais descontentes com a vida, nos quais se incluía Bernardo, perdiam aquela propriedade característica de uma agulha, que perfura profundamente nossa carne de uma forma que ninguém perceberia o tamanho do dano, não fosse a quantidade de sangue que jorra desta fonte que se chama corpo.

Já pela manhã, um amigo de fim de semana ligou para Bernardo e o convidou a finalizar a semana com algumas cervejas, quicá mulheres para embriagar os desejos e tornar as coisas mais sérias, menos sérias. Um convite não só atrativo como inegável; uma auto-recompensa mais do que justa para quem trabalhou com o corpo e com a mente a ponto de sentir-se merecedor de semelhante privilégio.

Era cerca de dez horas da manhã quando Bernardo saiu de casa e se dirigiu ao bar que ficava a quatro quadras de sua re-

sidência. No entanto, antes de sair lembrou-se das anotações que interrompera na noite anterior. Talvez fosse bom compartilhar com um amigo este seu recente intento. Por que não? Lembrava-se vagamente que algum escritor aconselhava evitar o esforço de inventar situações, já que a vida mais corriqueira é infinitamente mais rica do que nossas invenções. Quem sabe de uma troca de ideias pudesse surgir algo que enriquecesse sua história; um material a mais sobre o qual pudesse desenvolver o enredo. Poderia ser também que uma observação externa revelasse seus pontos deficientes e o fizesse alterar, ou mesmo eliminar, o que se mostrasse ruim. Talvez fosse justamente assim que os bons escritores trabalhassem. Decidiu levar os manuscritos.

Por ser manhã, o bar estava relativamente vazio. O amigo de Bernardo ainda não havia chegado, pois morava um pouco mais longe do que ele. Bernardo aproveitou a considerável tranquilidade do ambiente para ler o que havia escrito na última noite de sua vida.

Carlos desligou o rádio e saiu apressadamente. A notícia ecoava em sua cabeça. Enquanto caminhava em direção ao hospital, os mais diversos pensamentos atravessavam-lhe a mente. Todos eles, no entanto, se relacionavam ou ao sentimento de impotência e dependência que seu trabalho lhe provocava, ou à história que, inusitadamente, começara a escrever, ou ao suicídio que o rádio havia noticiado. A ligação direta entre os dois últimos assuntos lhe causou uma forte impressão. Fúnebre coincidência: no dia posterior ao que passou pela sua cabeça a ideia de dar cabo da própria vida alguém foi capaz de dar o último passo. “Nessas horas sempre clamamos por um ‘por que’, como se uma causa ou motivo pudesse explicar tudo. Mas nunca questionamos a necessidade deste ‘por que’.

— Bernardo, meu velho, como vão as coisas? — Enquanto Bernardo estava distraído com a leitura, seu amigo entrara no bar e logo o avista ocupando uma das mesas junto ao gradeado lateral do espaço semi-aberto do bar, com uma cerveja a lhe fazer companhia.

Embora não fosse de praxe, também não era raro Bernardo encontrar-se com Samuel nos fins de semana, naquele mesmo bar. Contribuía para isso o fato de círculo de amizades de Bernardo não ser tão vasto, o que provocava com estes poucos uma ligação, se não íntima, ao menos cordial e pacífica. Com Samuel, Bernardo chegava até a tocar em assuntos que ultrapassavam o raso universo masculino, ensaiando algumas divagações filosóficas, que, no entanto, sempre se esvaíam à primeira aparição de uma bunda atraente. Ambos passavam longe do que se poderia chamar de erudição. Bernardo, entretanto, ainda arriscava reconhecer o valor das belas artes, o que o fazia, vez ou outra, em seus momentos de divagação, imaginar a si em uma vida de literato, sem dispensar a boemia que não raramente a ela se associa.

— Tudo em ordem. E com você, como vão as coisas?

— Tudo normal, na medida do possível. O movimento aqui hoje tá meio fraco, não?

— É... Talvez por conta do horário. Garçon! Um copo e outra cerveja, por favor. Queria te mostrar...

Antes que Bernardo pudesse concluir a frase, Samuel o interrompeu.

— Sabe o Sr. Antônio, dono daquela papelaria que fica na avenida lá do outro lado?

— Sim. Que tem ele?

— Ouvi algumas pessoas comentarem que o garoto dele ficou louco. Há dois dias ele sai escondido de casa e vai por aí entregando folhas de papel em branco a todo mundo.

— Aqui estão o copo e a cerveja. Desejam mais alguma coisa?

— Não. Muito obrigado, – respondeu Bernardo. – Encontrei esse garoto ontem, quando ia ao trabalho. Não me pareceu louco... Aliás, parecia bastante consciente do que fazia, embora eu admita que não entendi por que ele me entregou aquela folha. Achei que fosse uma espécie de propaganda da papelaria, sei lá...

— Dizem que ele ficou meio perturbado por causa das brigas entre os pais dentro de casa...

A conversa sobre o garoto, bem como sobre outros temas direta e indiretamente associados a este, se estendeu por mais

duas cervejas. Tempo em que o movimento do bar aumentou, e a atenção dos dois realizava breves dispersões ao olhar as mulheres que adentravam o ambiente. Seguiu-se o curso normal: fotos e fatos de redes sociais; pequenas indignações com relação à má distribuição de renda; a saia de renda daquela que acabara de entrar; a entrada de um conhecido numa empresa que paga altos salários; quem estava comendo quem; quem estava traindo quem; a tabela do campeonato; comentários dispersos sobre quase tudo.

Ainda que relativamente embriagado, Bernardo subitamente lembrou que havia trazido sua história para mostrar a Samuel. As folhas que Bernardo deixara por baixo do seu caderno, em cima da mesa, já estavam um tanto quanto molhadas pelo suor das cervejas. Pegou-as, e antes que Samuel o interrompesse novamente.

— Deixa eu te mostrar uma coisa. Estou escrevendo um livro.

— Um livro! – Samuel se surpreendeu. – Vi estes papéis, mas achei que fosse algo do teu trabalho. Um livro sobre o quê?

Ainda que fosse simples, a pergunta desconcertou Bernardo. De fato, do que se tratava aquilo que ele vinha escrevendo?

— É uma história sobre um cara que quer se matar, mas ao invés de se matar escreve uma história sobre alguém que quer se matar...

— Não. Como é que é? — A sinopse soou estranhamente absurda para Samuel. – A história de uma história de uma cara que vai se matar, não entendi...

Bernardo intencionava manter preservado o fundo biográfico do seu escrito. E isto parecia tornar ainda mais complicada a tarefa de explicar ao seu amigo o enredo da história.

— É mais ou menos isso... É um cara chamado Carlos, que pensa em se matar e começa a escrever uma carta de despedida, só que ele depois muda de ideia e decide escrever uma história como se fosse ele mesmo, entendeu?

— Acho que sim. — Embora tivesse ficado mais claro a Samuel do que se tratava o livro, outra questão ele não poderia deixar de fazer: – Mas o que você quer com esse livro?

— O que eu quero? — Novamente, a pergunta deixou Bernardo atônito.

— Sim. Para que você está escrevendo?

— Bem, eu estou escrevendo para... — O fato é que Bernardo não tinha pensado de modo algum numa finalidade para o livro que vinha escrevendo, e diante daquela pergunta ele se viu forçado a reconhecê-lo: — Não sei. Acho que para nada. Não pensei numa finalidade para o livro. Estou escrevendo porque acho interessante escrever uma história. É algo diferente... E quem sabe alguém possa gostar...

A resposta não convenceu muito ao espírito pragmático de Samuel.

— Você está escrevendo para você mesmo, então?

— É... Talvez seja isso.

No fundo, embora um pouco hesitante em admitir, esse tinha sido o *leitmotiv* de Bernardo. Isso diminuiria a nobreza de seu propósito?

— Acho que ninguém escreve um livro por escrever, ou, na minha opinião, seria melhor nem fazer isso. Eu não perderia meu tempo. Mas, se isso lhe apraz...

A opinião de Samuel deixou Bernardo um pouco contrariado, e o efeito do álcool já o impedia de esconder os sentimentos que o afetavam.

— Então, você acha perda de tempo escrever um livro? — Perguntou de um modo quase que desafiador.

— Não acho perda de tempo escrever um livro. Acho perda de tempo escrever um livro pra si mesmo, pois se é pra si mesmo, é mais cômodo ficar com ele só na sua cabeça, entendeu? Mas, deixa isso pra lá, o livro é seu, e só seu, já que é pra você mesmo.

Samuel não pode deixar de rir do seu próprio comentário, mas conseguiu rapidamente se conter ao notar que Bernardo não o tinha recebido de modo muito amigável. Tentou amenizar um pouco a situação:

— Não se importe comigo. Na verdade, deve ser bom escrever um livro. — Samuel não tinha mais como retirar a pá de cal que havia jogado sobre o projeto de Bernardo. De todo modo,

a amizade não se desfaria por uma simples divergência de ideias, ainda mais com a sintonia que a embriaguez provocava naquelas duas almas.

O dia foi passando por entre o que se comia e o que se bebia no bar. A tarde veio e logo a noite já começava a amadurecer com suas luzes artificiais, com os sons que emanam dos bares e penetram ruas escuras. Na mesma escuridão que acendia a chama da vida dos casais que se consumiam, dos viciados que se matavam prazerosamente, das prostitutas que faziam seu trabalho, e dos bandidos que cumpriam seu papel social. No bar onde estavam Bernardo e Samuel, suas vozes, já altissonantes, se faziam ouvir. E entre gargalhadas e comentários extremamente necessários Samuel sugeriu a Bernardo:

— Acho melhor procurarmos outro bar. Parece que vai chover, e estamos justamente no local mais desprotegido daqui.

— Por mim tudo bem.

— Garçom! A conta, por favor.

A demora do garçom em levar a conta fez Samuel levantar e ir até o balcão. Enquanto isso, Bernardo, já vendo o mundo a partir de outras perspectivas, aguardava seu amigo na mesa. Porém, da entrada do estabelecimento, Samuel o chamou. Já havia pagado a conta e o esperava para continuar a noite. Bernardo levantou, olhou para aqueles papéis um tanto molhados, juntou as folhas e as rasgou, dividindo-as ao meio. Jogou tudo na lixeira, próxima à mesa, e seguiu ao encontro de Samuel. Foi assim que Bernardo conseguiu matar Carlos, e matar a si mesmo duas vezes. Na verdade, Bernardo jamais existiu.

CONCORDÂNCIA: ÂNSIA DE CONCORDAR

A vida é um substantivo no gerúndio.

NA BAGAGEM

Dizem que a vida é uma viagem...

Se for assim, para viajar o que trago é o suficiente.

Tudo o que trago está na minha mente.

E o que não trago é apenas sobra.

Algo que posso jogar fora sem ninguém notar.

É...

O que trago é suficiente para viajar...

PROSA

- O que é isso aqui? É pedaço de poesia?
- Sim.
- Mas por que rima, ou por que rimaria?
- Não! É porque inquieta.

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA

A maior invenção do homem foi o ponto de interrogação.

CONTESTAÇÃO À CONTRIBUIÇÃO
PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Será?

COERÊNCIA...

Afirmações são perigosas.
Por isso não estou bem certo disso. Nem disso, nem disso...

UMA PESSOA COMUM

*De todas as vocações, a política é a mais nobre...
De todas as profissões, a profissão política é a mais vil.*

Rubem Alves

A vida não se pode atribuir o caráter de coisa justa, pois nem todos os indivíduos que dela recebem o abraço tem a sorte de crescerem com qualidades salutares, que lhes permitam conviver em harmonia com seus semelhantes. Digo isto, porque certa vez conheci um rapaz ao qual o acaso conferiu um fardo bastante inglório. O jovem veio ao mundo trazendo consigo um defeito de fabricação, que foi percebido assim que ele começou a falar. Toda sua família: pai, mãe, avós, tios, primos (apesar de que estes, muitas vezes, ao invés de o ajudarem, gozavam do seu triste quinhão), todos tentaram consertá-lo. Procuraram vários médicos, mas não houve jeito: o rapaz sempre falava o contrário do que fazia, do que sentia e do que queria. Todos os adjetivos, verbos e outros meios linguísticos, através dos quais ele pudesse expressar seus pensamentos e disposições de espírito, eram externados pelos vocábulos contrários.

Assim, quando criança, se achasse um brinquedo bonito, pedia à sua mãe “aquele brinquedo feio”. Se um calçado lhe era demasiado apertado, morria de dor no pé, afirmando que aquele calçado era “muito folgado”. Quando se apaixonava à primeira vista, tratava logo de ir falar à garota e dizer-lhe que a “odiava” e que ela era “horrível”, “a coisa mais feia” que ele já havia encontrado.

Nas provas de História Clássica, afirmava categoricamente que Hércules tinha sido “um homem de grandiosa fraqueza”, Helena “a mulher mais feia do mundo antigo” e Calígula um imperador “sereno e bondoso”. Sêneca, então, era descrito como “um filósofo profundamente desequilibrado”, cuja vida era dedicada aos prazeres desmedidos.

Tentaram com todas as forças ensinar-lhe a falar as palavras que correspondiam aos seus desejos e preferências. Sua mãe passou anos e anos insistindo:

— Vamos, meu filho me diga: esta bola é grande ou pequena?

— É grande.

— Não, meu filho. Esta bola é pe-que-na. Vamos, diga: pe-que-na.

— E não é isto que estou dizendo, mamãe!?! Grande.

— Não! Você está dizendo “grande”, mas o certo é pequena.

— Pois então, exatamente, grande.

Percebe-se logo que a vida deste rapaz foi muito difícil. As pessoas que conviviam ao seu redor, com o tempo se acostumaram à sua triste condição. Já sabiam até escolher um presente que ele detestasse, apresentar-lhe a garotas feiosas. Quando subia em sua moto, a mãe, extremamente preocupada, implorava-lhe para que não andasse devagar e sempre cruzasse os faróis vermelhos. Todavia, aqueles que não o conheciam e que, pelas circunstâncias da vida, tinham que cruzar seu caminho, não se relacionavam muito bem com ele.

Certa vez, segundo o boato que se ouvia, o rapaz provocou enorme confusão quando ao dar informação a um motorista desorientado o aconselhou a seguir direto na avenida em que se

encontravam, e depois do último semáforo entrar no cruzamento que ficasse à sua esquerda, chegando assim à Vila Nova Conquista, um pequeno bairro da cidade e destino procurado pelo motorista. Por não ser da cidade, o motorista era totalmente ignorante em relação ao problema do rapaz. Por isso, inadvertidamente, seguiu todas as orientações.

Chegando à casa de uma certa dona Clarisse, uma mulher solteira de 46 anos, o motorista quis entregar-lhe uma nota de cobrança, ao que dona Clarisse reagiu instantaneamente. Reclamou que aquela conta não era sua, nunca havia feito aquela compra. O homem, contrariado, disse-lhe que não adiantava enrolações, pois seu patrão havia mandado avisar-lhe que ela pagaria aquela dívida, por bem ou por mal.

A discussão durou até o momento em que o homem revelou que um rapaz de óculos engraçado e aparelho de coluna lhe havia indicado o caminho até ali.

— Um rapaz de óculos engraçado e aparelho de coluna? O senhor deve não ser da cidade, estou certa?

— É verdade que não sou daqui, mas que diferença faz isso?

Dona Clarisse então lhe explicou que aquele rapaz não falava corretamente, ou melhor, falava quase tudo ao contrário.

— Que caminho ele lhe indicou?

— Disse que eu precisaria seguir até o último semáforo da avenida e entrar no cruzamento à minha direita. Disse também que seria fácil encontrar a casa que procurava, pois este bairro era o menor da cidade.

— Meu senhor, sinto muito, mas, pelo que ele falou, você deveria passar do primeiro semáforo e pegar o cruzamento à direita dele. Acredito que você procura por uma mulher que vem aplicando golpes em várias cidades aqui da região.

De fato, a Clarisse que aquele homem procurava era outra. Uma golpista que já havia dado calotes em várias empresas, e que era residente no outro lado da cidade. O pobre motorista, morrendo de vergonha da mulher, e de raiva do rapaz, pediu mil desculpas e foi embora.

Esta é apenas uma das várias situações peculiares que aquele rapaz havia provocado. Devo confessar-lhes que também

fui “vítima”, e ao mesmo tempo culpado, por um desses episódios, apesar de saber que nem eu e nem ele somos responsáveis pela sentença que os genes decretam.

Eu trabalhava como caixa em um mercado da cidade, isso bem antes de ouvir falar daquele garoto de 16 anos. Num dia comum de trabalho, fazia eu os serviços ordinários: verificava a mercadoria, seu preço e estado, somava o total, recebia o dinheiro, devolvia o troco. Nada de emocionante. Já estava ali sentado há várias horas. Em determinado momento, porém, notei uma movimentação estranha na fila do caixa. Um rapaz que usava um desajustado aparelho de coluna e óculos à moda do século XIX reclamava às duas mulheres que também faziam compras:

— Isto eu não aceito! Eu estava lá atrás! Vocês chegaram antes de mim e tomaram meu lugar. Eu vou passar atrás de vocês!

Dizendo isto, o garoto tentou a força avançar para frente das duas mulheres.

— Ficou louco, moleque? O que você está falando? Por que você quer tomar a nossa frente, se quando chegamos você nem estava aqui?

— Estava não! Acontece que fui à prateleira pegar a manteiga que havia lembrado, mas falei para o caixa desavisar a quem fosse que eu demoraria muito. Foi aí que vocês pegaram meu lugar.

— O que disse? Você deve estar drogado!

De fato, alguns minutos antes daquela balbúrdia, um garoto, que não vi direito quem era, havia me dado um recado que não fazia sentido algum. “Ô senhor caixa, se partir ninguém faça o favor de dizer que vim aqui, mas demoro muito”. Quando levantei a cabeça, não avistei quem havia me dito tal absurdo. Continuei meu trabalho. Àquela altura, depois de tanta insistência do garoto, fui obrigado a chamar o segurança.

— O que está havendo? Qual o problema? — Perguntou o segurança, em tom de ameaça.

— Este garoto está tentando furar a fila, além do que, fala coisas totalmente absurdas — disse uma das mulheres.

O garoto, imediatamente, e em vão, tentou argumentar:

— Acontece que eu estava aqui atrás. (E falando isto apontava para frente da fila).

— Lá na frente, você quer dizer. Corrigiu o segurança.

— Isto mesmo, aqui atrás (e continuava apontando para frente).

— Você está querendo me fazer de palhaço?

Por sorte, a mãe do rapaz chegou no momento em que o segurança já o puxava pelo braço para expulsá-lo da loja.

— Sr. segurança, por favor, pare!

Ela segurou o braço dele e disse:

— Deixe que eu lhe explique, prometo-lhe que explico tudo!

— Mas explicar o quê?

— Escute-me, eu sou a mãe deste garoto...

A aflita senhora passou então a contar toda aquela triste e inacreditável história. As pessoas, pasmas, cochichavam entre si os mais diversos comentários. Uns acreditavam, outros não. Todos, entretanto, incluindo a mim, passamos a tomar ciência da estranha condição daquele garoto.

Entretanto, mesmo diante desses castigos do acaso, a vida sempre termina por permitir alguma alternativa capaz de apaziguar nossos sofrimentos e superar nossas imperfeições. Por exemplo, no caso deste rapaz, tudo na sua vida mudou, depois de ele, com a ajuda de alguns amigos de influência, ter descoberto sua mais íntima vocação: cresceu na vida e tornou-se um homem público, um político bastante decente e profundamente preocupado com a situação socioeconômica do povo. Um representante que cumpre tudo o que promete e nunca nega seus ideais.

MARIA I

Afagos que afogam o fogo em meu peito,
Desafogando os nós que somos: um.

A partir das dores do parto partimo-nos em dois.
Partamo-nos, pois — (as dores a parte) —
pra Marte e pra lua.

Se para amar-te-me sou fraco é que, preso em mim mesmo,
a lua no ermo, às 23:30 da noite, mordeu-me a orelha:
Preciso ir à lua mostrar o que sou.

Posso, assim, aproximar-me do céu,
pois sei que no chão afagos terei da mais
mãe-natureza-real da qual faço parte.

Já mil léguas e aves nos separam.
Porém, juro eu, que em julho no qual fizeste de
Henrique I, e único André,
Tiveste um momento eterno
Que só Deus pode apagar.

No qual me precipito?

Ao invés disso, tua escuridão só me atrai
E quase me trai.

Minha sorte é que a vida é uma grande bobagem.

UM REINO DE ANGÚSTIA E ANSIEDADE

As dores correm pelos corredores
Incitando suaves fragrâncias
Que escorrem pela nuca.

Palavras se cruzam no ar
Fazendo brotar sangue das paredes,
Ao passo em que, nos cantos escuros,
Corpos confusos explodem pela boca
Num assomo de agonia e pulsões.

Assim como as asas quebradas
Impedem o voo do pássaro,
Correntes de ouro impedem o mergulho do náufrago.

Ah! Maldito seja teu corpo celeste!
Por que não caíste em meu quarto
No momento em que gozava do sono:
Solitária ilha de paz no mar de misérias que é o mundo?

Ah! Bendita sombra que me perfura os olhos!
Por que não chegaste a tempo de clarear o abismo

AUTO-DESPEDIDA

Qualquer corpo desenhado no espaço
Qualquer pedaço de sombra
No meio caminho era um tesouro guardado
Sem tribunal, sem recompensa.

Jamais pensei em desfazer os mistérios;
Só me iluminam, não sou mesmo daqui
Queria mesmo era fazer um poema, mas o problema
É que eu me perdi.

Tenho saudades de mim.

PROVISÓRIO

Depois que se viaja do prazer à decepção
Num barco de ânimos confusos
Terminamos a contemplar a noite
Em sua surda indiferença.

Um rastro de consolo nos aparece apenas
Nas ideologias vomitadas nas paredes dos banheiros.

E como a TV tem apenas dois canais: Ligado
e desligado (ao qual preferi)
Só um registro *a priori* denuncia
Esta verdade quase falsa:
As pessoas se prostituem!

SOBRE NASCER E CHORAR

Uma lágrima só é verdadeira se não for consolada,
Se não for maculada pelo prazer inaudito da compaixão.

O choro só é verdadeiro se for chorado sozinho,
No escuro, sem lenço ou desculpa.
Com aquele soluço incontido e incontável
Que em sua luta contra a gravidade contrai a garganta,
como nas contrações do parto o feto luta para ficar.

Chorar é lembrar que nascemos,
e nascer é o triunfo absoluto da solidão.

NAS ENTRANHAS DO TEMPO

*Nós somos da mesma matéria de que são feitos os sonhos e nossa
vida breve é circundada por sono.*

Shakespeare

Mais um dia chegava ao fim e Gregório estava exausto. A caminhada que havia decidido fazer com Josué naquela tarde tinha lhe desgastado de tal maneira que perdera toda a disposição para fazer seus regulares estudos noturnos. Tudo o que ele queria era tomar um banho e se deitar.

Depois do banho e antes de dormir, como de costume, foi até o quarto de sua mãe e deu-lhe um beijo, desejando-lhe boa noite; ritual este que ela não deixava passar em branco por um dia sequer, e isto desde o dia em que Gregório passou a dormir no próprio quarto, aos sete anos de idade. Agora já tinha quinze anos; era alto, quase magro e tinha o tom de pele natural daqueles que vivem numa terra onde o sol é quem governa.

Ao deitar, sempre lhe vinha a impressão de que os dias eram todos iguais. Tudo parecia acontecer seguindo sempre a mesma sequência. Manhã, tarde, noite, ontem e hoje: tudo se amalgama-

va num só e mesmo instante, e quando sua consciência se voltava para este instante, surgia-lhe a crença de que tudo o que fez e fará não passa da repetição inexorável do mesmo. Enquanto pensava, lembrando cada momento daquele dia, o sono lhe dominava paulatinamente. O escuro do quarto parecia se incorporar nele, como se o estivesse abraçando e penetrando suavemente em sua consciência. Enfim, mundo se apaga e o silêncio reina. Mas, de repente, como que num susto, Gregório acorda. Tudo está claro. O dia se impõe lá fora.

Gregório estranha de imediato aquela clareza. Está convicto de que há menos de cinco minutos saíra do quarto de sua mãe para o seu. Entretanto, o dia estava ali, obrigando-lhe a levantar.

— Gregório, meu filho, você vai chegar atrasado à escola, já são 6h30min.

Exatamente a mesma frase que sua mãe havia pronunciado no começo do dia anterior, antes de bater a porta com tanta força, a ponto de as chaves saltarem da fechadura. Difícilmente Gregório se atrasava, mas naquele dia, de maneira surpreendentemente igual ao dia anterior, ele levantou mais tarde que o de costume e se atrasou novamente para a escola.

Depois do banho, ainda com a toalha envolta na cintura, foi até o fogão na esperança de que sua mãe houvesse deixado algo para ele comer. Lá encontrou dois ovos mexidos e, ao lado, no balcão da cozinha, uma xícara com achocolatado já frio. Rigorosamente, o mesmo café que sua mãe havia preparado na manhã anterior, na qual ele havia dormido demais e ela o acordara, no mesmo momento em que saía correndo e quase arrebentando a porta. Diante dessas coincidências, Gregório seguiu quase que irrefletidamente, afinal de contas estava mais do que atrasado para a aula. Devorou o café, vestiu-se e saiu.

No percurso até a escola, Gregório pedalava feito um atleta de triatlo. Precisava voar, pois naquele dia sua aula seria com o professor Vila-Matas, e com este, toda a escola o sabia, não se podia brincar. Costumava penalizar seriamente qualquer um que não se adequasse à sua ortodoxia. Um simples atraso deveria ser plausivelmente justificado, sob pena de redução de notas ou cumprimento de atividades compensatórias.

O professor Vila-Matas era uma pessoa que trabalhava naquilo para o que tinha vocação, tipo cada vez mais raro, já que pouquíssimos ainda associam felicidade à realização profissional. Para a gigantesca maioria não há realização maior do que trabalhar em qualquer coisa, desde que seu trabalho permita-lhe consumir bem a vida. Mas Vila-Matas nadava contra essa corrente; não lhe interessava luxo nem o supérfluo, vivia muito bem sem isso. Interessava-lhe sim a formação intelectual dos seus pupilos e o “bem da humanidade”.

Vila-Matas gostava do que fazia e fazia aquilo por que gostava. Nem passava pela sua cabeça a ideia de exercer alguma outra profissão. Que poderia haver de mais nobre do que esclarecer mentes em ascensão, do que cultivar flores que desabrochariam, do que retirar das pessoas o véu de ignorância que lhes cobre a frente, afinal só a verdade os libertaria. O que poderia haver de mais nobre do que retirá-los da caverna e mostrar-lhes o sol. Acreditava categoricamente que a tomada de consciência de si e das coisas era a chave que abria as portas da prisão em que a grande maioria se encontrava. “*Sapere aude!*”, dizia a todos.

Vila-Matas vendia barato aulas de História e Literatura. Seus alunos gostavam de suas explicações, de seus conselhos pedagogicamente incentivadores, da sua paciência com a dificuldade de aprendizagem e das chances que lhes dava em caso de baixo aproveitamento. Alguns alunos só não gostavam quando Vila-Matas tentava impor-lhes, por meio dos mais pomposos argumentos, um dever incondicionado de integridade moral e refinamento intelectual. Vila-Matas ficava profundamente contrariado quando notava em algum aluno um desinteresse e, às vezes, até mesmo um desdém em relação às suas maravilhosas aulas. Ele tinha plena convicção de que era um dever querer estudar, um dever querer aprender, um dever querer tornar-se culto, e, além disso, querer ser um cidadão ativo e consciente de seu papel social, atento a qualquer acontecimento político e pronto a avaliar criticamente e engajadamente todas as sensíveis alterações que ocorressem em qualquer esfera da vida pública. Em resumo, poderíamos dizer que Vila-Matas pensava que todos deveriam ser iguais a ele, ou pelo menos à imagem que ele tinha dele mesmo.

Sabendo que esse paladino da moral e dos ideais iluministas o esperava, Gregório apressou o ritmo, tinha medo que Vila-Matas entendesse seu atraso como um sinal de desprezo por sua aula.

Na última rampa que precisava descer para chegar à escola, a atenção de Gregório foi bruscamente tomada pelo caminhado provocador de uma bela jovem que passava pela calçada. Mas como que num relâmpago lhe veio a estranha sensação de que aquela mesma garota quase o levava a provocar um acidente no dia anterior. No que isto lhe veio ao pensamento, Gregório olhou subitamente para frente e se apavorou. O atrito da borracha com o asfalto fez soar o mesmo barulho de ontem.

— Não olha por onde anda, cretino! De que te servem os olhos?

Não fosse o ótimo sistema de freios de sua bicicleta, ele teria arrebentado a si e a uma rechonchuda senhora que atravessava a rua. A frase que aquela mulher acabara de pronunciar se encaixava perfeitamente com a mesma que havia ouvido ontem. Gregório reconheceu que era a mesma mulher de ontem. Parecia que cada palavra que saía da sua boca era retirada diretamente do pensamento dele. “Acho que ela vai me responder ‘graças a Deus que me protege etc. etc.’”.

— Mil perdões, minha senhora, mil perdões. A senhora está bem?

— Graças a Deus que me protege, estou. Mas se você continuar assim, vai terminar matando alguém!

A mulher seguiu seu rumo enquanto Gregório se recompunha do susto. Depois de passado o perigo, seguiu para a escola que já se localizava logo à frente.

Ao adentrar a escola, Gregório guardou seu veículo no bicicletário, próximo ao refeitório central. As salas de aula ficavam no primeiro andar do prédio, e para chegar até elas era preciso cruzar o pátio e subir a escada que começava na extremidade direita do pátio. Gregório, com passos apressados, caminhava completamente absorto. Aquilo tudo era muito estranho. Enquanto subia a escada lembrava-se de todas aquelas improváveis coinci-

dências. Ao mesmo tempo, lhe atraía a ideia de que se tudo tinha se repetido até aquele momento, possivelmente o que estava para acontecer é o que já tinha acontecido. Assim, se ele conseguisse lembrar, poderia prever os próximos acontecimentos. “Imagina só, eu prevenindo o futuro”.

Quando chegou ao corredor, onde se encontravam as salas, mil coisas atravessavam-lhe o pensamento. E se ninguém acreditasse nele? Se o tomassem por louco? Se realmente estivesse louco? Não, não, isto era impossível. Mas como seria amanhã? Seria novamente ontem, isto é, hoje. Será que ficaria para sempre preso no ontem que é hoje.

Eram 7h15min e Gregório estava em frente a porta da sala. Colocou a mão na maçaneta, mas hesitou em abrir. Durante alguns segundos tentou, forçando a memória, lembrar-se do que iria acontecer assim que ele abrisse a porta. Com certeza Vila-Matas lançaria sobre ele seu olhar de reformador moral e o mandaria sentar. Gregório tentou, mas não conseguiu se lembrar de nada. Abriu a porta.

Quase todas as carteiras estavam ocupadas, com exceção de algumas dentre as quais a de Gregório. O professor, entretanto, não se encontrava em sala. Alguns alunos conversavam entre si, outros copiavam alguma coisa em seus cadernos, e outros simplesmente cochilavam sobre as carteiras.

Imediatamente Gregório lembrou-se que no dia anterior o professor Vila-Matas também havia chegado atrasado, e como chegara sem sua caderneta, precisou ir até a coordenação buscá-la. Exatamente nesse meio tempo, ele, Gregório, tinha chegado por sorte. Entrou de sala adentro, e antes mesmo de sentar-se foi logo sacudindo Josué, que cochilava com a cabeça sobre sua carteira no fundo da sala.

— Josué, acorda.

Mesmo tomado pela preguiça, Josué ergueu a cabeça e se virou para Gregório, que sentava atrás dele.

— O que foi?

Com receio de que Josué ignorasse por completo o que queria dizer-lhe, Gregório pensou um pouco e preferiu não lhe ser muito direto:

— Você está bem?
— Se estou bem? Por que a pergunta? Estou apenas com sono como sempre.
— Então, não deve ter dormido bem. — Ao que Josué respondeu:
— Dormi muito bem. O problema é que não me adapto a estudar pela manhã. A manhã não foi feita pra se ficar enclausurado numa sala, ela foi feita pra ser apreciada.
— Então, não aconteceu nada de estranho com você nestas últimas horas? — Perguntou Gregório.
— De estranho? Não, não. Por quê?
Ao perceber que aquelas estranhas repetições não haviam acontecido com seu amigo, Gregório ficou mais apreensivo, nervoso até. Mas, apesar de tudo, se havia alguém que, certamente, ao menos lhe escutaria, essa pessoa era Josué.
— Pra dizer a verdade, perguntei isto porque, desde que acordei aconteceram coisas estranhas comigo.
— Como o quê?
— Parece que tudo está se repetindo. Tudo o que aconteceu comigo ontem, está acontecendo hoje. Não sei se posso te explicar, mas acho que acordei no ontem.
— No ontem? Como assim “no ontem”?
— Eu acordei ontem, ou melhor, no ontem. Hoje é ontem, entendeu?
— Entendi que é melhor você deixar de passar a madrugada estudando.
Quando Josué pronunciou esta última frase, a mente de Gregório fez um *rewind*: era precisamente a última frase que Josué pronunciara no dia anterior, no momento em que o professor entrava em sala:
— Desculpem-me o atraso mais uma vez, mas a coordenação estava uma bagunça. Quase não encontro minha a caderneta.
Tudo continuava a se repetir para Gregório. Por fragmentos de memória, lembrava-se que a conversa com Josué no dia anterior tinha sido sobre outro assunto, mas tudo o que seu amigo lhe dissera era exatamente igual:

— “Você está bem? A caminhada de ontem deve ter te deixado exausto, não é?”
— “Se estou bem? Por que a pergunta? Estou apenas com sono como sempre.”
— “Vou te confessar, não sei a razão, mas meu corpo está em pedaços. Não consegui dormir bem.”
— “Dormi muito bem. O problema é que não me adapto a estudar pela manhã. A manhã não foi feita pra se ficar enclausurado numa sala, ela foi feita pra ser apreciada.”
Gregório tentou retomar o assunto com Josué:
— Josué, estou falando sério. As coisas estão todas se repetindo. Até as palavras que você acabou de me falar...
Antes que pudesse concluir a argumentação, o professor o interrompeu:
— Há algum problema entre vocês? Caso haja, avisem-me, pois vamos começar a aula, entendido?
Tendo o professor feito esta advertência (que, aliás, para Gregório era a mesma do dia anterior) os rapazes ficaram em silêncio e manifestaram preciosa atenção para com a aula do Professor Vila-Matas. Gregório, na verdade, fingia prestar atenção, pois seus pensamentos exploravam com o máximo de profundidade possível aquela absurda situação. Passou praticamente toda a manhã buscando explicar as causas e as consequências daquele dia inconcebível.
Ao final da manhã, quando saía do colégio, Gregório empreendeu mais uma tentativa de dialogar com Josué sobre o assunto. Este, no entanto, continuou não dando ouvidos para o que o amigo lhe dizia. Com a mesma indiferença estranha que havia lhe tratado no dia anterior.
Frustrado, Gregório desistiu de se explicar, ou mesmo, caso fosse necessário, de pedir ajuda para qualquer pessoa. Resignou-se e assim passou o restante do dia. Foi novamente caminhar com Josué, mas evitou tocar no assunto. Josué, por sua vez, parecia ter esquecido completamente o início de conversa que os dois haviam tido pela manhã, e isto não era de se estranhar, devido a pouca ou nenhuma importância que dera ao assunto.

Se nos primeiros momentos, assim que reconheceu o que se passava, Gregório havia ficado aturdido e sem rumo a tomar, depois de descrever que alguém fosse lhe dar crédito, ele mudou seu ponto de vista: tinha passado simplesmente a observar com olhar minucioso como tudo se descortinava diante dele. Observava tudo que acontecia e, a cada passo dado, confirmava sua crença de que havia acordado no ontem. A única coisa que ainda lhe pressionava o espírito, provocando certa ansiedade e até um pouco de medo, era sua dúvida em relação ao amanhã. Do hoje-ontem, ele sabia de tudo que iria acontecer, mas como seria depois que ele dormisse e acordasse? Acordaria realmente amanhã? Seria, finalmente, um dia novo? Ou acordaria novamente hoje, que seria duplamente um ontem? Enfim, aquele dia seria finalmente passado? Gregório aguardava com enorme expectativa.

Continuou ele seguindo o curso do dia. Depois de caminhar com Josué, foi para casa sem pensar em outra coisa senão em como, ou quando seria amanhã.

O dia chegava novamente ao fim e Gregório estava exausto.

Antes de dormir, como de costume, foi até o quarto de sua mãe e deu-lhe um beijo, desejando-lhe uma boa noite. Ao deitar em sua cama, sentiu novamente o escuro lhe dominar e pesar sobre suas pálpebras. Adormeceu rapidamente devido ao cansaço. Porém, como que num susto, acordou.

Num impulso carregado de ansiedade, virou-se de lado e pegou o relógio despertador que ficava em cima da pequena cômoda, ao lado de sua cama. Eram 6h30min. “Não pode ser! É o mesmo horário novamente. Ainda estou no mesmo dia.” Gregório sentiu-se novamente atordoado. Seria aquilo possível. “Mas, por que mamãe não falou até agora? De qualquer forma, preciso me levantar.” Gregório levantou-se da cama e caminhou até o banheiro. Sentia-se como que suspenso no ar. No banheiro, lavou o rosto e olhou-se no espelho. “Não, não pode ser o mesmo dia, se o fosse mamãe já teria me chamado. Devo estar em outro dia. Sim, não há dúvida.” De fato, não restavam dúvidas: aquele não era o mesmo dia que se repetiu.

Ao sair do banheiro, cuja porta ficava numa das paredes laterais da cozinha, Gregório viu sua mãe preparando o café calma-

mente, ao mesmo tempo em que, contemplativa, olhava o quintal através da janela.

— A esta hora preparando o café, mamãe? Não vou conseguir chegar num bom horário.

— Chegar aonde? — Perguntou-lhe demonstrando surpresa.

— À escola, onde mais?

Sua mãe lançou-lhe um olhar que misturava melancolia e estranhamento.

— Mas o que há com você, meu filho? Acaso esqueceu-se do que ocorreu?

— De quê a senhora fala?

— Da morte de seu professor Vila-Matas.

Aquelas palavras pareciam ter sido disparadas por um canhão. Gregório pareceu entrar em estado de apoplexia. Não conseguiu de modo algum assimilar aquela informação, que lhe parecia absolutamente ilógica.

— O que a senhora disse? Mor... Morte?

— Sim, morte. Seu professor cometeu suicídio ontem, soube da notícia à tarde. Hoje, a escola estará de luto, mas você sabe muito bem disso. O que há com você?

Gregório simplesmente ficou imóvel. Olhava fixamente para sua mãe sem conseguir pronunciar palavra. Seu olhar, no entanto, parecia perdido numa dimensão distante.

— Gregório, o que há contigo? Sinceramente, meu filho, você às vezes me parece tão estranho.

Gregório voltou a si. “Ahn? Não, não há nada comigo, só pensava um pouco... Em... Tudo isso.” Os pensamentos lhe vinham em fragmentos. Fez um esforço para caminhar normalmente e não causar má impressão em sua mãe. Ela pensava alto:

— É uma pena, não é?! Uma pessoa tão culta e dedicada à profissão. Pelo menos essa é a imagem que me passavam sobre ele. Disseram que depois da aula que ministrou pela manhã ele havia ficado muito deprimido, andava cabisbaixo pelos corredores, não explicaram direito, mas parece que foi depois de ele ter tido uma pequena discussão com um aluno. Não sei como uma simples troca de palavras pode fazer tanto mal a alguém. Ele deveria ser muito sensível.

Gregório estava absolutamente sem chão. Não sabia o que dizer, tampouco compreendia o que se passava. Achou melhor, entretanto, não contar à sua mãe que tudo aquilo era absurdo; que ontem tivera aula com o professor Vila-Matas e que eles não haviam recebido notícia alguma. “É... É uma pena.” Foi tudo o que conseguiu dizer.

Abatido e confuso, caminhou para seu quarto. Sentou-se na cama, tentou organizar seus pensamentos e encontrar uma explicação que pusesse os fatos numa ordem coerente. Olhou novamente para o relógio-despertador: continuava marcando 6h30min. “Está quebrado”, concluiu. “Então vejamos: tudo isso começou numa segunda-feira. Eu dormi, e quando acordei era novamente segunda-feira, logo hoje deverá ser terça-feira”. Neste momento, sua mãe liga o rádio da sala. Do quarto Gregório escuta: “Bom dia queridos ouvintes da 112 FM. Começamos mais um programa nesta quarta-feira de muito sol...”

“Quarta-feira! Como é possível?” Gregório não pôde acreditar no que ouviu. Dormir numa segunda-feira e acordar numa quarta-feira! Haveria de ter dormido durante um dia inteiro. Não conseguia mais ter nenhuma ideia clara e segura no meio daquela confusão. O que poderia estar acontecendo?

Permaneceu sentado sem concluir nenhum raciocínio. Decidiu, então, esclarecer ao menos uma questão. Foi ao encontro de sua mãe.

Procurou ser o mais cuidadoso possível com suas perguntas.

— Mamãe, a senhora poderia... É que... Eu não me lembro muito bem... Por quanto tempo eu dormi de ontem para hoje?

— Esforçou-se para não deixar transparecer a confusão que o dominava.

— Dormiu normalmente, o tempo de sempre. Você só acordou a esta hora porque não haverá aula.

— Então, eu não perdi a terça-feira? — Descuidadamente, deixou escapar a pergunta.

— Não entendi. Perder a terça-feira?

— Não, nada. Quer dizer... É que não me lembro muito bem de ontem, só isso.

— Você fez as coisas de sempre. Nada mudou, senão aquele incidente lamentável. Uma tragédia dessas abala a todos nós, tanto mais a você que era aluno dele. É por isso que está tão abatido não é? Eu te entendo.

— Sim, sim – balbuciou mecanicamente enquanto caminhava para seu quarto. Já novamente em sua cama Gregório começou a se dar conta do absurdo daquele fato. “Por quê? Por que ele cometeu suicídio? Que motivo haveria de ter?”. Não, não estava certo. Aquilo só poderia ser um sonho, um pesadelo na verdade. Conversava consigo mesmo e tentava se convencer. “É empiricamente impossível que alguém possa acordar no ontem e depois acordar no amanhã! Só se pode acordar no hoje, no hoje.”

No entanto, o que era teoricamente exato não se confirmava na prática, pois o dia estava ali, dominando-o, e Gregório nada podia fazer contra ele. O hoje era um fato completamente absurdo, mas um fato.

Gregório deitou-se pondo as mãos por trás da cabeça. Olhando fixamente para o teto começou a divagar: “Como pode hoje ser um depois-de-amanhã, quando deveria ser apenas um amanhã? Isto em relação ao primeiro dia. É claro. Na verdade, então, o dia que tomo como ponto de referência é que determina se hoje é hoje, ontem ou amanhã. Mas se assim é, então tudo é relativo. O problema é que tudo depende também da decisão de todos: se todos acreditam que hoje é segunda-feira, então hoje é segunda-feira. Contudo, apenas eu estou fora do calendário, porque para mim, hoje é terça-feira, mas para todos as outras pessoas hoje é quarta-feira. Afinal, que diferença faria se eu continuasse vivendo como se hoje fosse quarta-feira? Certamente deixaria de fazer muitas coisas: não poderia agendar nada que envolvesse diretamente alguém. Na verdade, acho que isto é inconcebível. Sim, de fato é impossível viver fora do calendário. Mas, quando foi mesmo que eu aderi ao calendário? Aí está: na verdade não aderi, simplesmente nasci nele. Todo mundo nasce nele e não há como fugir. Mas o calendário é só uma adaptação. Uma adaptação humana... Do movimento... Do universo... Do todo... Do todo...”

Gregório voltou a mergulhar profundamente num sono tranquilo e acolhedor. Sonhou que estava em seu quarto; era noi-

te e tentava dormir. Todas as luzes estavam apagadas. Sentiu de repente a cama tremer: algo se mexia debaixo dela. Gregório, em pavor, recostou-se à cabeceira da cama cobrindo-se quase que completamente com o lençol. Observava, paralisado, uma sombra que saía de debaixo da cama. Ficou ainda mais apavorado quando a reconheceu: era ele mesmo que saía de debaixo da cama.

O Gregório saído das sombras caminhou em direção àquele que estava acuado e imóvel na cama, segurou-o pelos ombros e olhando fixamente em seus olhos começou a falar:

— Escute bem Gregório, atrás do mundo existe um espelho que reflete o sol e quando o garoto entregar-lhe uma folha em branco escreva nela a sua vida. Não a vida que todo mundo vê, mas a vida que se esconde no fundo do seu guarda-roupa; diga a todos, vamos Gregório você precisa explodir!

Completamente aturdido, Gregório se esforçava para articular algumas palavras.

— Não. O que você quer? Eu não estou entendendo! — Seu outro eu continuou então com mais veemência:

— Claro que está entendendo; é você mesmo quem fala. Vamos Gregório, me diga o que é uma pedra! Uma pequena pedra pode derrubar um gigante! Você deve ser a garganta por onde sairá o grito do mundo! Vamos Gregório, grite! — Aquela figura misteriosa sacudia Gregório apertando-o com força. — Grite! Grite!

Fechou os olhos e tentou gritar com todas as suas forças, mas de sua garganta nenhum som irrompeu.

— Grite, Gregório! Não tenha medo. Todo prazer é anúncio de uma dor. A dor não tem fim!

Gregório acordou num impulso tão forte que quase se jogou para fora da cama. O susto passou, mas tudo continuava escuro. “Terei dormido até agora? Impossível. Ainda era manhã quando me deitei”. Levantou-se e acendeu a luz para poder observar as horas. O relógio-despertador marcava meia-noite em ponto, com todos os ponteiros completamente imóveis.

REVERSO LIVRE

O que me carrega em verdade é o vento!
Nas manhãs ociosas em que a mera brisa da pergunta lança
meu contato aos mais distantes e efêmeros graus do Sol!

A CIDADE, ACIDENTE

A cidade é áspera,
A cidade é feia,
A cidade é suja.

A cidade nasce e cresce
Enquanto se reproduz e morre.

A cidade mata o que cresce,
Se reproduz e morre.

A cidade não traz calma,
A cidade não traz leito,
A cidade não traz vida.

A cidade traz solidão e desespero.
Deus me livre de sair da cidade.

LEMBRETE

Todo prazer é anúncio de uma dor.

OPTIMIZAÇÃO

O que nos faz pensar que as coisas vão mal é o fato de esquecermos que elas sempre podem piorar.

DESTINO

Já que não podemos mudar as coisas,
só nos resta fazer com que elas aconteçam.

ERGUER-SE

Precisamos é de renascer na manhã...
Tarefa árdua!
Não fosse o engano do sono apaziguar os impulsos
Seríamos sonâmbulos do tempo corrente,
Que não perdoa a ninguém que ostente a audácia
de estar vivo.

PALAVRA NAVEGANDO

A linguagem é o mar que dá margem a todas
as interpretações.

Na areia do sentido a espuma vira um livro
Salpicado de opiniões.

Quantos barcos, quantos homens,
Navegaram pelos ares, caravelas, caminhões...

Na trincheira destes mares
O teu céu tem mais amores
Só lhe faltam soluções.

REVELAÇÃO

Bem aventurados os que sabem transitar entre os extremos,
porque deles será o reino do meio.

DEUS

Você, caro leitor,
Não está me vendo.
Mas eu vejo você me lendo.

ÓCULOS ESCUROS

Quem olhou pra quem?

MAIS-VALIA

Abri uma nova agenda para planejar o meu futuro,
Mas vi que o tempo não é puro

Artigo de venda

RIQUEZA

É o que não te podem roubar

NA LUA NUA

Quando a lua permite ser tocada
A janela abre:
Outra madrugada.

NOITE QUE CHOUEU

A noite acabou... Sem aventuras nem emoções.
Meu silêncio recebe a mácula de um som distante,
Que quase torna ruído
O eco de minhas palavras mudas.

GRILO

Grilo,
Porteiro da casa do silêncio, teu som anuncia o
 peso dos meus pensamentos...
E o pesar deste sol que ilumina a noite dentro de mim
Mostra que não passo de uma sombra desta casa deserta.

URUBU

Não meto o nariz
Onde não sou chamado

RASANTE

O voo de um pássaro corta qualquer pensamento...

TEXTO PARA UMA OFICINA DE REDAÇÃO (QUE NÃO ACONTECEU)

Usar muitas palavras para comunicar poucos pensamentos é sempre o sinal inconfundível da mediocridade; em contrapartida, o sinal de uma cabeça eminente é resumir muitos pensamentos em poucas palavras.

Arthur Schopenhauer

Não sei bem ao certo qual o foco, ou o objetivo da atividade que aqui nos reúne. Isso, por si só, já dificulta uma avaliação do conteúdo de minha digressão, posto que o critério de julgamento só pudesse ser aquele objetivo, pois só com base nele é que poderíamos aferir se o que escrevo alcançou algum êxito, de qualquer sorte, ou se se mostrou abaixo das expectativas.

Creio, no entanto, que o norte geral desta atividade que aqui nos reúne é o que se entende por “textos acadêmicos”, especificamente os que se produzem no interior de um curso de filosofia, bem como os diversos aspectos que envolvem esse tipo de literatura. Dito isto, a única coisa que me permito exigir a mim mesmo é falar alguma coisa sobre a literatura filosófica, ou, para ser honesto e adequadamente menos pomposo, sobre os textos que no decorrer do curso de filosofia lemos e escrevemos.

Isso já é o suficiente para indicar que no fim das contas, temos que discutir essas atividades básicas; a saber, a leitura e a escrita. Por uma questão de método, e de opção, começarei a tecer considerações sobre a atividade de leitura, tratando posteriormente da relação que esta atividade mantém com a escrita. Naturalmente, ao falar de leitura, profiro sempre alguma coisa cujas origens remontam ao que li, e para falar da experiência de ler textos filosóficos, nada mais adequado do que dialogar com um filósofo que leio e que também fala sobre a experiência da leitura.

Ler é uma atividade que requer distanciamento e solidão, isso para que sejam possíveis a paciência, o cuidado e a perspicácia. No entanto, como qualquer outra atividade, a leitura provoca efeitos que dependem do modo e da intensidade com que ela é praticada. Em relação a isso é que Schopenhauer afirma: “Assim como as atividades de ler e aprender, quando em excesso, são prejudiciais ao pensamento próprio, as de escrever e ensinar em demasia também desacostumam os homens da clareza e profundidade do saber e da compreensão, uma vez que não lhes sobra tempo para obtê-los” (SCHOPENHAUER, p.21). Aqui o filósofo toca no ponto de fundamental importância: o tempo.

Para ler de modo proveitoso, precisamos de tempo. Por mais que isso possa parecer simples, não o é. Basta lembrarmos das inúmeras atividades que nós, ou pelo menos muitos de nós, precisamos desempenhar diariamente. No meio de todos os nossos afazeres devemos encontrar algum tempo a reservar exclusivamente para a leitura. Uma vez encontrado esse tempo, a única coisa que nos resta a fazer é ler, não em demasia, para que nosso próprio pensamento não se afogue numa multidão de ideias carregadas de sentidos diferentes. A prática desmesurada da leitura pode terminar por nos transformar num saco de teorias ambulantes, que tenta compensar com nomes, datas e fórmulas o que não possui em profundidade, algo que Erasmo de Roterdã bem caracterizou na seguinte passagem do seu *Elogio da Loucura*: “Contemplai essa gente magra, triste e rabugenta, que se dedica ao estudo da filosofia, ou a outra coisa difícil e séria; a sua alma incessantemente agitada por uma multidão de ideias

diversas, influi no seu temperamento; vai-se-lhes o espírito, vai-se-lhes a seiva, e geralmente envelhecem, sem terem sido jovens”. (ROTerdã, p.27).

Mas, assim como o excesso de leitura prejudica o espírito ao sobrecarregá-lo, a carência de leitura traz a má consequência de limitar nosso horizonte e empobrecer nossa visão de mundo. A leitura precisa, portanto, ser exercitada na dose suficiente, e cada texto precisa ser mastigado o bastante para que se possa digeri-lo, isto é, compreendê-lo.

No que se refere à compreensão de um texto filosófico, é bom sempre desconfiarmos de nós mesmos, principalmente quando nos parece que tudo foi compreendido de modo rápido e fácil. Não que seja impossível uma compreensão rápida e fácil, mas o ato de duvidar faz parte do processo, por isso lemos Descartes até hoje. O diálogo com alguém que tem se empenhado em compreender o mesmo assunto também oferece auxílio; confrontar as interpretações é importante, contanto que se dê o devido peso à palavra do texto original. Todavia, como essa palavra às vezes não nos parece clara, faz-se necessário recorrer aos comentaristas e especialistas no assunto. Este, todavia, é um auxílio que não deve ser abusivo, sob pena de formar no máximo uma cabeça enciclopédica, incapaz de apresentar autonomia intelectual diante de um texto ou de um debate.

Durante a graduação, tendo de cursar várias disciplinas e desenvolver diversas atividades paralelas, é inevitável darmos maior atenção a alguns conteúdos que a outros, o que por consequência torna o nosso conhecimento sobre alguns problemas e assuntos superficial. Não podemos dominar toda a história da filosofia nem em quatrocentos anos. Por outro lado, quando por uma disposição natural nos concentramos em algo que nos desperta a curiosidade e nos proporcione deleite intelectual, é esperável que nos debruçemos sobre aquela centelha de pensamento, agora objeto de admiração e contentamento, na medida em que nos inicia num mundo de prazeres inteligíveis.

Por isso, para que se possa prosseguir pela seara da atividade intelectual, seja dentro ou fora da academia, não há outra exi-

gência mais importante do que amar o que se faz. Do contrário, se você não sente prazer em ler o que lê e em escrever o que escreve, o melhor é esperar que nada de bom surja ali.

Caberia talvez perguntar: como se dedicar com profundidade a alguma coisa? Lembro mais uma vez Schopenhauer quando ele adverte que “só é possível pensar com profundidade sobre o que se sabe, por isso se deve aprender algo; mas também só se sabe aquilo sobre o que se pensou com profundidade” (SCHOPENHAUER, p. 39). De fato, se uma leitura lhe proporciona prazer, por que não se aprofundar nela?

À medida que a leitura avança, a tendência é que comecemos a notar que, por mais que um sistema ou teoria filosófica seja imponente e contundente, sempre há algo a ser esclarecido; sempre há matéria a ser questionada no texto. Naturalmente, para que possamos perceber isso em um texto, precisamos ter já uma boa familiaridade com o pensamento daquele autor.

A atividade de leitura complementa-se então com a da escrita. Escrever é talvez a única maneira de manter sempre disponível a nós o que pensamos e descobrimos, seja para causar-nos uma auto-decepção que culmina na vergonha de saber que aquilo veio de você, ou para revelar que descobrimos algo digno de continuação e aprofundamento.

O poeta Mario Quintana já nos esclareceu que escrever é uma tarefa extremamente fácil: você começa com um parágrafo e termina com um ponto final, no meio é só colocar as ideias. A despeito do viés cômico das palavras do poeta, isto não é de todo uma brincadeira, pois o que mais poderíamos esperar de um texto além do que o que ele tem a dizer; portanto, das ideias que ali são expressas. Naturalmente, e nisto reside o efeito ardiloso do que disse Quintana, um texto só poderia, ou pelo menos só deveria ser escrito, quando tivéssemos algo a dizer; coisa que a ABNT não pode ensinar. Os manuais de metodologia científica, graças a Deus, ainda não formularam as “Regras básicas para se ter uma ideia”. O que a ABNT pode ensinar, ou para ser mais preciso, o que ela nos força a aprender é como utilizar certas funções do Word. A única coisa que nos pode verdadeiramente estimular

o pensamento e nos ensinar a como escrever filosoficamente é a leitura dos textos filosóficos. No fim das contas, o nosso desempenho na leitura e na escrita dependerá da capacidade natural de cada um e da formação que cada qual deu a si mesmo.

No que se refere à disposição para ter ideias, Schopenhauer faz a seguinte afirmação:

Com os pensamentos ocorre a mesma coisa que se dá com as pessoas: não podemos chamá-las sempre, quando bem entendermos, de modo que só nos resta esperar por elas. O pensamento sobre determinado objeto precisa aparecer por si mesmo, por meio de um encontro feliz e harmonioso da ocasião exterior com a disposição e estímulos internos, e é justamente esse encontro que nunca chegará a acontecer no caso daqueles filósofos livrescos. (IBIDEM, p.47).

Os filósofos livrescos aos quais Schopenhauer se refere são aqueles que ostentam soberbamente sua erudição, mas que quando escrevem transferem diretamente o que está escrito em outros livros para os seus dedos, “sem ter passado por qualquer inspeção na cabeça” (IBIDEM, p. 58).

Infelizmente, precisamos reconhecer que na academia inevitavelmente aprendemos a trabalhar numa considerável medida ao modo daqueles a quem Schopenhauer execra. No ambiente acadêmico, firmamos o compromisso de escrever, e talvez na maioria das vezes escrevamos sobre coisas das quais não sabemos. Mas como é possível escrever sobre algo que não se sabe? Simples; ao modo dos que Schopenhauer chama de “escrevinhadores”, ou seja, transferindo dos livros para os dedos. A grande maioria dos trabalhos acadêmicos segue a linha de seguir a linha alheia.

Isto, contudo, não implica que a universidade seja um reduto de plagiadores. De fato, grande parte do que escrevemos tem como objetivo o de passar nas disciplinas, ou quando não, obter um certificado que engorde nosso *curriculum lattes*. Esses trabalhos geralmente não atendem às nossas verdadeiras aspirações

intelectuais. Quando, por outro lado, encontramos algo compatível com tais aspirações, fica muito mais fácil se dedicar a leitura e a escrita, e de fato, há na universidade pesquisas que se alimentam dessa feliz coincidência.

Precisamos estar cientes, no entanto, que mesmo quando temos a sorte de encontrar na academia espaço para estudar o que nos apraz, ainda assim a tarefa se revela dolorosa. Entramos em um estranho estado de espírito no qual o esforço e a dor que o acompanha se misturam com uma enigmática felicidade de estarmos sós, afastados de tudo e realizando algo que nos faz bem, mesmo com certa sensação de cansaço. Para ilustrar isso, citamos o que se conta de certo jovem chamado Mieriechkówski que mostrou seus versos ao senhor Fiódor Dostoiévski para ouvir deste a opinião. A resposta dada ao jovem pelo velho escritor foi: “para escrever bem é preciso sofrer, sofrer” (DOSTOIÉVSKI, p.54).

Com efeito, escrever é uma tarefa dolorosa, é uma espécie de parto que põe no mundo, sendo o mundo uma folha em branco, aquilo que passou por uma gestação, às vezes lenta e tranquila, às vezes intempestiva. O texto, assim como um filho, precisa ser cuidado e bem tratado, e para quem tem dúvidas sobre como fazer isso, ou não tem mesmo a menor ideia de como fazê-lo, a melhor atitude a ser tomada é a de perguntar e, em seguida, escrever. Com efeito, só podemos aprender a escrever escrevendo e recebendo críticas. Nós mesmos podemos nos posicionar como avaliadores do nosso texto. Para isso, é preciso, naturalmente, que consigamos nos situar como um leitor externo, isto é, que saibamos ler o que escrevemos como se não fôssemos aquele que escreveu. Um bom escritor sem autocritica só pode ser um gênio ou um computador programado; por isso é sempre bom levarmos em consideração as deficiências de nosso manejo com a estrita.

Por fim, devemos reconhecer que não há regras ou diretrizes fixas e absolutas que nos ensinem a escrever e nos garantam a fórmula do texto perfeito. A escrita, assim como a habilidade de leitura, é uma práxis; só com esforço e dor de cabeça é possível um aperfeiçoamento. Contudo, temos sempre de lembrar aquela coisa, que segundo Descartes é a mais bem distribuída do mun-

do; o bom senso. Quando escrevemos um texto tendo a intenção de comunicar algo, não podemos esquecer que é outra pessoa quem o vai ler, e, sendo assim, o outro não é obrigado a ter que adivinhar nosso pensamento, tão pouco temos qualquer culpa da possível falta de bagagem intelectual do leitor. Por isso, há textos certos para as pessoas certas, e devemos sempre ter consciência de a quem estamos nos dirigindo. Do mesmo modo o texto deve preservar sua diferença em relação à palavra falada, pois como nos diz Schopenhauer:

“Querer escrever como se fala é tão condenável como o contrário, ou seja, querer falar como se escreve, o que resulta num modo de falar pedante e ao mesmo tempo difícil de entender”. (IBIDEM, p. 91).

Se for verdade que “quem não lê, mal ouve, mal fala e mal vê”, podemos com toda tranquilidade complementar: também mal escreve. Escrever é acima de tudo uma arte, uma *tekné*, e qualquer arte que se enquadre definitivamente em determinada fórmula tende a perder todo o seu valor.

REFERÊNCIAS:

- DOSTOIÉVSKI, F. *Obra Completa*, Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- ROTTERDÃ, E de. *Elogio da loucura*. IN: Os grandes clássicos da literatura. Vol. III. São Paulo: Editora Novo Horizonte, 1982.
- SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SOBRE (NÃO) ESCREVER

No instante em que me encontro aqui, sozinho no meu quarto, milhões de coisas acontecem simultaneamente, espalhadas e geograficamente dispostas pelas mais diversas coordenadas possíveis. Alguém nasce, alguém morre, alguém mata outra pessoa que não aquela que morreu na última vírgula... Acontece. E ao mesmo tempo em que acontece aconteceu. Assim como aconteceu de eu ter começado a escrever este texto inadvertidamente motivado pela seção “As ideias sociais” que serve de introdução à obra completa de Dostoievski que comprei há alguns dias.

O fato é que subitamente me vieram várias imagens das coisas que estão acontecendo agora e em relação às quais não tomo parte, a não ser daqui de onde me encontro como se as sobrevoasse a todas: único modo possível de realizar algo impossível. E, imediatamente após essas imagens, quase se co-(n)-fundindo com elas me assaltou a pergunta: e eu? Que posso eu fazer com, ou, por tudo isso? Acredito, na verdade, que esse texto confirma a resposta que primeiro se deu a mim: posso escrever e falar o que escrevo, seja ritmicamente ou não.

Não digo que escreva bem; falar, falo eu pior ainda. No entanto, sinto a febre terçã-consciência de que em qualquer coisa na qual venha eu a me empenhar o resultado será pífio. Isso não é bom, mas que posso eu fazer? Ora, como já disse: escrever e falar.

Talvez haja oportunidades grandiosas para quem só pode se empregar em escrever e falar: ser escritor, professor, compositor... Honestamente, quando terminar de ler as seis mil páginas da obra completa do Dostoievski verei se me arrisco na literatura, e quando tiver uma composição minha gravada por algum grande intérprete talvez mande fazer um carimbo daqueles personalizados: “ANDRÉ HENRIQUE *compositor*”. Até lá, continuarei sendo professor... Olhem só! Às vezes, até esqueço que sou professor.

Infelizmente a alegria não dura muito (é o que dizem da alegria de pobre...). É que imediatamente lembro-me de que corro grande risco. Sou do tipo de pessoa que, às vezes, sofre fortes ataques de nostalgia, e principalmente do que não vivi.

Antigamente, que competências eram exigidas de um bom professor? Escrever e falar. Pois é, mas isso era antigamente. Hoje um bom professor deve ser, além de professor, psicólogo, assistente social, pedagogo, animador de torcida, humorista, dominar técnicas de defesa pessoal, pai, mãe, e o pior de tudo: saber trabalhar com os últimos aparatos tecnológicos, que chegam para melhorar a educação no país. Assim fica difícil saber escrever e falar; eu mesmo reconheço que estou com os dias contados. Tornar-me-ei irreparavelmente obsoleto.

Ouvi dizer que dentro em pouco não usarei mais pincel (e eu que achava o pincel o cúmulo da deselegância em relação ao giz!), mas sim um *mouse* com o qual “escreverei” (desculpem, mas não sei qual o verbo que devo usar para expressar a ação de “grafar” com um mouse...) num quadro (também não sei se é bem um quadro ou o que...) interativo, e lá mesmo poderei salvar (salvar de quê, Senhor? Salvai-me...) todas as informações em pastas e enviá-las para os alunos por *e-mail*.

O problema é que (disso eu tenho tanta certeza como de que o Brasil não perderá novamente a copa em casa) muitos alunos continuarão sem entender nada! Eu escrevo e falo; faço o que posso dentro dos meus limites. Eles continuarão sem nada entender porque não sabem LER!

O governo quer investir em tecnologia e produção científica. Ótimo. Mas se o objetivo for unicamente o de produzir e por

em funcionamento um monte de parafernalias e geringonças que ocupam cada vez mais o espaço e/ou as funções desempenhadas pelo homem, teremos num futuro próximo um sem número de tecnólogos operando máquinas sofisticadíssimas apenas por meio da linguagem estabelecida através do novo acordo facebookográfico: “add alguma coisa”; “e fica td blz”; “enqnt ñ v vms tds se fd”.

Mas, e daí? Serão os tecnólogos, e num mundo em que nem mesmo o professor precisa saber escrever e falar, aquilo será tido como a última ejaculação do progresso. Sou, admito, muito cabeça dura, mas o que exijo não é muito: no dia em que inventarem uma máquina que invente alguém que escreva como Nietzsche e faça sermões como Padre Antônio Vieira, eu aderirei ao século XXI... Ou não.

A COR DA INSÔNIA

Há um momento na madrugada em que o céu assume uma coloração profundamente distinta; uma nuança rara entre o preto e o azul. Dir-se-ia um azul opaco, no qual a luz quer se mostrar, mas é prontamente turvada pela última pincelada de trevas que a noite imprime. Uma cor que somente os insones conseguem enxergar e até mesmo apreciar, pois se trata da cor própria da insônia; sua perfeita tradução cromática.

Infelizmente, este ponto de passagem é tão raro e fugaz que mal o descrevemos, ele já passou. Ao último ponto do parágrafo anterior, a cor da insônia era apenas uma lembrança recente, semelhante às que temos quando acabamos de deixar um lugar onde estivéssemos pela primeira vez, e talvez pela última.

A cor da insônia passou, deixando apenas sua impressão virtual na memória e a saudade daquele tipo de beleza que só se contempla quando se está angustiado e solitário. A insônia, esta permanece e já estende os braços à vontade de não dormir.

Quero tomar café.

Este livro foi publicado pela
Aped - Apoio & Produção Editora Ltda., em 2015.